



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ANDRESSA TERNES BANDEIRA

**CASO SUZANE VON RICHTHOFEN: uma análise dos critérios de
noticiabilidade pelo portal de notícias G1**

Porto Alegre

2022

ANDRESSA TERNES BANDEIRA

**CASO SUZANE VON RICHTHOFEN: Uma análise dos critérios de
noticiabilidade pelo portal de notícias G1**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Ritter dos Reis como requisito para
conclusão do curso de Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Emiliano
Cunha

**Porto Alegre
2022**

ANDRESSA TERNES BANDEIRA

**CASO SUZANE VON RICHTHOFEN: Uma análise dos critérios de
noticiabilidade pelo portal de notícias G1**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro Universitário
Ritter dos Reis como requisito para
conclusão do curso de Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Emiliano
Cunha

Prof.

Prof.

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

Eu começo esse texto dizendo que nunca fui muito boa em agradecimentos, mas se eu cheguei até aqui, o que particularmente é uma vitória, foi porque Deus me permitiu ter a saúde e o acesso necessário à educação, que também, agradeço muito aos meus pais por me derem.

Em primeiro lugar, eu dedico esse agradecimento a mim, que não deixei a “peteca cair” na primeira dificuldade que tive escrevendo esse projeto. Se hoje ele existe, é graças a minha cabeça não tão centrada como antes, produzindo coisas que nem eu sabia que era capaz. Mas eu fui.

Aos meus pais, eu dedico esse TCC tão suado e conturbado. Sem os puxões de orelha que ambos me deram por não fazer os temas da escola, não estudar o suficiente pra passar de ano, com certeza eu não me tornaria a estudante, formanda, mulher e jornalista dedicada e esforçada que sou hoje. Agradeço em especial o meu pai, Deolindo Elmidio Bandeira, por me permitir cursar uma faculdade particular, onde eu sei que tem muita gente que não teve a mesma sorte e privilégio que eu. Agradeço em especial também a minha mãe, Arlete Teresinha Ternes, por diversas vezes entender que eu não podia dividir dos anseios dela naquele momento, pois eu estava ocupada produzindo esse projeto. E hoje ele nasceu por conta de vocês.

Quero deixar registrado também um agradecimento especial aos meus amigos, que por muitas vezes tiveram a minha ausência enquanto eu passava noites em claro tentando cumprir mais um prazo de entrega. Prometo que agora vou estar mais presente. A Eduarda Araújo, eu serei eternamente grata, por aguentar os meus surtos noturnos e me dar todo o suporte psicológico possível para que eu chegasse até aqui. Cada vibração positiva da minha irmã da vida, Luiza Ferreira, eu me sentia mais motivada em entregar o que está aqui hoje. Saibam que eu amo vocês.

E, claro que não podia deixar de agradecer à professora Cris de Luca, onde abriu as portas desse projeto e em especial, ao meu orientador Emiliano Cunha, que mesmo não conhecendo e muito menos cruzado em alguma cadeira das tantas da faculdade, me auxiliou em cada etapa e jamais me deixou desistir no meio do caminho. Vocês foram essenciais.

Por último, mas não menos importante, obrigada pelas minhas garrafas de vinhos que foram tomadas durante esse processo e principalmente pela minha playlist que contém uma lista extensa de artistas como Lana Del Rey, Taylor Swift e Billy Joel, que foi onde busquei inspiração para a frase na página seguinte. Obrigada universo, obrigada a todos!

*"Slow down, you crazy child
You're so ambitious for a juvenile
But then if you're so smart
Tell me why are you still so afraid?"*

Billy Joel

RESUMO

O nome Suzane Von Richthofen ficou conhecido no Brasil em meados de 2002, após a jovem planejar o assassinato dos pais. Atualmente, o assunto Suzane ainda tem lugar nos veículos de imprensa, mas não relacionado ao crime que ela cometeu. Tomando como base os estudos realizados por Nelson Traquina, Mauro Wolf e Carlos Eduardo Franciscato, o presente trabalho propõe uma pesquisa bibliográfica sobre os critérios de noticiabilidade que o portal de notícias g1 usa para tornar o nome de Suzane digno de notícia, mesmo já passando um pouco mais de 20 anos do caso. Através de um recorte temporal que compreende o período em que o crime estava prestes a completar 20 anos, propõe-se uma análise de conteúdo, baseada na obra de Laurence Bardin (1971), das notícias publicadas em um dos maiores portais de notícias do Brasil, g1. Partindo da discussão envolvendo os dados coletados na análise, aprofundamos um debate sobre o rumo que o jornalismo dos dias atuais está tomando, constatando através dos fatos analisados a presença de matérias tendenciosas, que não tem apenas a intenção premissa dos conceitos jornalísticos, que é informar.

Palavras-Chaves: Jornalismo; Critérios de noticiabilidade; Suzane Von Richthofen; Portal g1.

ABSTRACT

The name Suzane Von Richthofen became known in Brazil in mid-2002, after a young man planned to murder his parents. Currently, the subject Suzane still has a place in the press vehicles, but not related to the crime she committed. Based on the studies carried out by Nelson Traquina, Mauro Wolf and Carlos Eduardo Franciscato, the present work proposes a bibliographical research on the criteria of newsworthiness that the news portal g1 uses to make Suzane's name worthy of news, even though it has already passed a little more than 20 years of the case. Through a time frame that comprises the period in which the crime was about to complete 20 years, it is proposed a content analysis based on the work of Laurence Bardin (1971) of the news published in one of the largest news portals in Brazil, g1. Starting from the discussion involving the data collected in the analysis, we deepened a debate about the rumor that journalism of the present day is taking, noting through the analyzed facts the presence of biased subjects, which do not only have the intention of journalistic concepts, which it is informative.

Keywords: Journalism; Newsworthiness criteria; Suzane Von Richthofen; Portal g1.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Matéria sobre o consórcio de veículos de imprensa.....	15
Figura 2 - Print notícia 03/10/2021.....	39
Figura 3 - Print notícia 04/04/2022.....	41
Figura 4 - Print notícia 27/04/2022.....	42
Figura 5 - Print notícia 23/09/2021.....	44
Figura 6 - Print notícia 05/10/2021.....	45
Figura 7 - Print notícia 23/12/2021.....	47
Figura 8 - Print notícia 16/11/2021.....	48
Figura 9 - Print notícia 15/03/2022.....	49
Figura 10 - Print notícia 02/02/2022.....	50
Figura 11 - Print notícia 13/09/2022.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 JORNALISMO E SOCIEDADE.....	7
2.1 JORNALISMO COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	9
2.2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	15
2.3 JORNALISMO CRIMINAL E SENSACIONALISMO.....	19
3 CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE NO JORNALISMO.....	22
3.1 VALORES-NOTÍCIA DE SELEÇÃO.....	23
3.1.1 VALORES-NOTÍCIA DE SELEÇÃO – CRITÉRIOS SUBSTANTIVOS.....	24
3.1.1.1 Morte.....	24
3.1.1.2 Notoriedade.....	24
3.1.1.3 Proximidade.....	25
3.1.1.4 Relevância.....	26
3.1.1.5 Novidade.....	27
3.1.1.6 Tempo.....	28
3.1.1.7 Notabilidade.....	29
3.1.1.8 Inesperado.....	29
3.1.1.9 Conflito ou controvérsia.....	30
3.1.2 VALORES-NOTÍCIA DE SELEÇÃO - CRITÉRIOS CONTEXTUAIS.....	30
3.1.2.1 Disponibilidade.....	30
3.1.2.2 Equilíbrio.....	31
3.1.2.3 Visualidade.....	31
3.1.2.4 Concorrência.....	32
3.1.2.5 Dia noticioso.....	32
3.1.3 VALORES-NOTÍCIA DE CONSTRUÇÃO.....	33
4 METODOLOGIA.....	35
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	35
5 ANÁLISE.....	39
5.1 CATEGORIA RELEVANTE.....	39
5.2 EXTRAORDINÁRIO.....	43
5.3 COTIDIANO.....	46

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 53

REFERÊNCIAS..... 56

1 INTRODUÇÃO

O caso Suzane Richthofen ficou famoso no Brasil inteiro após a mesma, com 18 anos de idade, planejar o homicídio dos pais, Manfred Albert Von Richthofen e Marísia Von Richtohfen, junto com o então namorado no período do crime, Daniel Cravinhos e o irmão, Cristian Cravinhos. Em 31 de outubro de 2002, Daniel ligou para a polícia dizendo estar em frente à casa de Suzane e que suspeitavam que um assalto havia ocorrido no local. A polícia, ao chegar à residência, constatou não só a morte dos pais de Suzane, mas um cenário de bárbara violência.

Após as investigações, Suzane, conclui-se que o namorado e o cunhado foram apontados como os responsáveis pela execução a partir de um plano arquitetado por Suzane pelo fato de eles não aceitarem o relacionamento dela com Daniel. Assim, uma cena de latrocínio foi montada para que a filha pudesse ficar com o então namorado e se apossar da herança da família.

Desde que Suzane foi presa, inúmeras notícias sobre as “saidinhas¹”, comportamento e até relacionamento amoroso, são pauta nos veículos de imprensa do país. Tal prática por parte dos veículos de comunicação leva-nos a pensar quais critérios são levados em consideração para que tal assunto vire pauta. Como aponta Silva (2005), uma notícia é tudo aquilo que é importante e/ou interessante para a sociedade como um todo. A partir disso, o presente trabalho questiona quais critérios de noticiabilidade são levados em consideração, pelo portal G1, para que Suzane Von Richtohfen seja notícia?

O jornalismo tem como princípio levar a informação em primeira mão para o indivíduo, é aquilo que trata dos acontecimentos com algum grau de relevância para a sociedade. Dentro do jornalismo, podemos observar diversos gêneros e subgêneros que se dividem conforme a especificidade do tema e universo abordado, porém com a mesma finalidade: que é levar a informação ao leitor. Com o passar dos anos, o jornalismo tem sofrido transformações, impactando diretamente em seu formato, prática e fazer. Isso pode ser percebido, por exemplo, com o aumento considerável de plataformas de informação que veiculam matérias de cunho sensacionalista. Tais produções jornalísticas conduzem o leitor, através do fato, à imagem do “sensacional”, com matérias de teor apelativo da notícia, destacando

¹ Notícia pelo Portal G1: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/09/13/suzane-von-richthofen-deixa-presidio-em-tremembe-para-saidinha-temporaria.ghtml>

elementos insignificantes como, por exemplo, as “saidinhas” de Suzane e seus relacionamentos íntimos na penitenciária.

Esta pesquisa se faz necessária, pois tenciona o fazer jornalístico contemporâneo, que disputa espaço com um sem fim de conteúdos de diferentes e questionáveis abordagens e finalidades. Desse modo questiona-se também o próprio papel do jornalismo na sociedade como engrenagem fundamental para a informação, construção de pensamento crítico e solidificação de democracias.

Observa-se um padrão na mídia em que crimes considerados da mesma espécie, como por exemplo, o caso de Elize Matsunaga e o da própria Suzane, acabam retornando à crista midiática com poucos elementos novos relacionados ao fato em si - isto é, aos crimes cometidos.

Partindo deste princípio, este trabalho tem, como objetivo principal, analisar quais critérios de noticiabilidade que o portal G1 utiliza para a divulgação de acontecimentos envolvendo Suzane Von Richthofen mesmo tendo passado mais de 20 anos do caso. Para isso, uma análise de conteúdo (Bardin, 1971) será realizada nas notícias publicadas entre o período de 1º de setembro de 2021 até 1º de setembro de 2022 no portal G1 que estejam atreladas ao caso criminal em estudo neste trabalho. Dito isso, os objetivos específicos se dão através da análise das notícias publicadas no portal G1 na data citada anteriormente e debater a ética no jornalismo, juntamente com os critérios de noticiabilidade. A escolha desse período serve para atender o objetivo geral desta monografia.

No capítulo 1, abordaremos o tema jornalismo e sociedade, onde trabalharemos em cima do seu desenvolvimento desde o seu surgimento na antiguidade. Ainda neste capítulo, discutiremos temas relevantes que aconteceram em prol da expansão do jornalismo, como por exemplo, o sistema tipográfico de Gutenberg.

No capítulo 2, falaremos do jornalismo como responsabilidade social, no qual vamos abordar sobre o papel dele como agente na cidadania, dito isso, partimos do pressuposto que o jornalismo é aquilo que se trata do real e factual. Sendo hoje os jornais como uma forma de comunicação em massa, eles estão diretamente relacionados como ferramentas de acesso à informação. Ainda neste mesmo capítulo, o termo “quarto poder” é citado e qual o papel dele dentro do jornalismo.

Partindo disso, as *fakes news* também é um tema bastante presente no jornalismo que existe hoje, e, portanto, também é abordado neste capítulo.

O jornalismo possui, como um de seus pilares, o compromisso ético e objetivo na hora de checar e divulgar a notícia. Porém, ao longo de sua história, o jornalismo foi sofrendo mutações e passou a não só informar, mas também a entreter, e é o que vamos estudar no 3º capítulo, onde os gêneros jornalísticos serão abordados. Esse estudo se dará através da pesquisa aprofundada de Marques de Melo (2016), que classificou os gêneros jornalísticos estudados entre os anos de 2002 e 2007 como: informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica), interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê), diversional (história de interesse humano e história colorida) e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço).

Com o papel agora também de entreter, no 4º capítulo o tema jornalismo criminal e sensacionalismo ganha um destaque. Historicamente, o sensacionalismo se aproximou bastante do criminal, que também se assemelha ao jornalismo criminal, e por isso eles andam numa linha bastante tênue entre si. O jornalismo policial foca bastante em produzir notícias do âmbito criminal, no que vai desde roubo até homicídios. Mas até onde o jornalismo de gênero criminal pode ser considerado ainda jornalismo? Essa pergunta pode ser respondida através do capítulo cinco, onde vamos tratar dos critérios de noticiabilidade no jornalismo, segundo sob o ponto de vista de Traquina (2005).

2. JORNALISMO E SOCIEDADE

Para começarmos a construção deste trabalho, faz-se necessário compreender o que é jornalismo e qual seu papel na sociedade. Dito isso, uma das maneiras de ampliarmos nosso escopo sobre essa conceituação é aprofundando o debate sobre como se deu seu desenvolvimento ao longo dos anos e como, conseqüentemente, suas formas de atuação foram se modificando.

Para Sousa (2008), o jornalismo não teria uma data exata de surgimento. Desde a Antiguidade, já era possível verificar a presença de vestígios daquilo que hoje entendemos como Jornalismo. Essas manifestações comunicacionais eram vistas através das pinturas rupestres em paredes, ou também nas histórias contadas verbalmente. Seja escrita ou através de relatos orais, tratava-se de uma ferramenta utilizada para a comunicação pelos nossos ancestrais.

Já Franciscato (2003), fez uma pesquisa detalhada onde continha registros originais dos termos 'jornalista' e 'jornalismo' em textos dos idiomas inglês e francês. O primeiro termo foi encontrado em 1693, para se referir à pessoa que redigia assuntos sobre o cotidiano na imprensa. O autor diz que "as primeiras experiências de produção de conteúdos jornalísticos nos séculos XVII e XVIII podem ser encontradas em relatos historiográficos, que descrevem formas híbridas de jornalismo" (FRANCISCATO, 2003. p. 29).

Com o passar dos anos, outras formas de se expressar foram se incorporando aos nossos processos comunicacionais. Dentre elas, a escrita, sem dúvida, está entre as mais importantes, configurando-se como uma tecnologia revolucionária e de extrema importância para a evolução de nossa espécie. Entretanto, Sousa (2008) cita em seu livro *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*, que o desenvolvimento da escrita não se deu de forma homogênea e compassada do ponto de vista universal, estando o Oriente à frente do Ocidente nessa corrida.

A troca de informações, novidades e ideias durante a Idade Média dependeu, em grande medida, da oralidade, como nos primórdios da humanidade. Jograis, comerciantes, guerreiros e peregrinos (lembramos do principal itinerário internacional europeu medieval: o Caminho de Santiago) transmitiam, oralmente, as novidades, à medida que se aventuravam de terra em terra. (SOUSA, 2008. p. 45)

Uma das primeiras manifestações da escrita e comunicação foi a *Acta Diurna do Império Romano*, próximo ao ano 59. a.C. Essas *Actas* eram como uma espécie de diário de registro dos processos administrativos e legislativos relativos aos movimentos políticos da época.

Ao longo dos anos, outras técnicas de escrita foram se desenvolvendo, sendo muitas delas semelhantes entre si, conforme exemplifica Sousa (2008) através das “*crônicas* [sic], as cartas informativas e os relatos de viagens” (p.45). Esses relatos eram realizados por cronistas que registravam os acontecimentos performados exclusivamente pelos nobres e monarcas. Pode-se notar, portanto, que essa forma rudimentar de jornalismo não se configurava como democrática ou universal, estando atrelada a estratos sociais que detinham poder. Mesmo assim, e ainda que com um enfoque limitado em comparação à perspectiva contemporânea, podemos dizer que já se tratava de jornalismo.

Como todas as áreas, o jornalismo também sofreu mutações e expandiu seu escopo de atuação ao longo da História. O período Renascentista (1350-1550), como o seu próprio nome sugere, trata de uma época de florescimento cultural e social e foi marcado por alguns fenômenos como, por exemplo, o surgimento, no Ocidente, das bases daquilo que hoje entendemos como Capitalismo. Além desse relevante processo de reestruturação da trama social e econômica, o qual irá moldar os séculos seguintes de diversas formas, Sousa (2008) também destaca outro fenômeno importante que surgiu na mesma época: o sistema tipográfico de Gutenberg.

O sistema tipográfico de Gutenberg deu início à revolução da imprensa, e é considerado o invento mais importante do segundo milênio. Sua invenção consistia basicamente na junção da tinta a base de óleo e uma prensa de madeira que possibilitou a produção em massa de materiais impressos, como livros e afins. Ele foi o responsável por modificar os processos na expansão do conhecimento, até a sua massificação atual. Com a invenção, o método de comunicação através de cartas foi adotado pelas pessoas da época, o que permitiu maior facilidade de transmitir informações, junto também com a elaboração dos famosos almanaques.

Para a história do jornalismo, as cartas institucionais e informativas são importantes pela adoção de um estilo eminentemente noticioso, reportativo, informativo e funcional, embora temperado pelas especificidades do gênero [sic] epistolar (SOUSA, 2008. p. 57).

No Brasil, Nelson Sodré (1999) considera como sendo a primeira manifestação mais “oficial” do jornalismo quando a Família Real Portuguesa chega ao país. Uma das explicações que o autor traz para que hoje entendamos esse fato como um marco do surgimento do jornalismo no país, se deve a um cenário sócio-político anterior que nos submetia mais ao status de col nia, o que “não gerava as exigências necessárias   instalação da imprensa” (1999, p.23). Contudo, no ano de 1808, foram instalados os equipamentos de impressão para que pudessem circular os documentos oficiais da Col nia. Neste mesmo ano, um dos principais meios jornalísticos já registrados ganha vida: a primeira edição da *Gazeta do Rio de Janeiro* começava a circular, em formato de jornal impresso, trazendo as informações dos principais acontecimentos da Europa.

Dessa oficina, a 10 de setembro de 1808, saiu o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*. Era um pobre papel impresso, preocupado quase que tão somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas in 4. É, poucas vêzes [sic] mais, semanal de início, trisemanal. (SODRÉ, 1999, p.23)

O jornalismo se consolidou da forma como é visto hoje, isto é, um veículo que noticia e informa. O campo foi sendo estudado e cada vez mais aprofundado e hoje, nos deparamos com as famosas redações jornalísticas presentes em todas as partes do mundo que além de produzirem jornais impressos como na antiguidade, têm se faz radiojornalismo e telejornalismo. É importante que saibamos onde e como começou os movimentos jornalísticos para que possamos estudar e compreender as suas mutações até chegar ao presente. Mesmo se passando décadas desde os primórdios, entendemos que o propósito segue o mesmo, se comunicar, informar, trocar ideias e pensamentos.

2.1 JORNALISMO COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL

Para Traquina (2005),   impossível definir jornalismo em poucas palavras ou em um livro. De forma poética, podemos dizer que “jornalismo é a vida, tal como contada nas notícias de nascimento e de mortes” (p.19).

O jornalismo pode ser explicado pela frase de que é a resposta à pergunta que muita gente se faz todos os dias - o que é que aconteceu/ está acontecendo no mundo?, no Timor?, no meu país?, na minha "terra"? (TRAQUINA, 2005. p.20)

Dito isso, partimos do pressuposto que o jornalismo é tudo que trata do real, do fato e, portanto, da busca pela verdade. Sendo os jornais e telejornais meios de comunicação em massa, que atingem toda uma grande parcela da população e sociedade, eles podem ser vistos como ferramentas de acesso à informação que fazem parte do nosso cotidiano.

Segundo Gentili (2005), o acesso à informação pode ser considerado como um dos principais direitos à cidadania. Para Koshiyama (1995), o jornalista exerce um papel importante para a formação da cidadania por ser o porta-voz das informações, aproximando, assim, os cidadãos do usufruto de seus direitos essenciais. Através do jornalismo, o indivíduo tem consciência do seu lugar na comunidade, tornando-se ferramenta imprescindível para a construção do conhecimento e pensamento crítico.

Percebemos que o jornalista executa um trabalho específico no estabelecimento, na consolidação e na ampliação dos projetos democráticos de sociedade. Verificamos que a grande imprensa ocupa um espaço para a formação da cidadania [...] Na circulação, as informações jornalísticas são consumidas e integram a (trans)formação ideológica dos leitores. (KOSHIYAMA, 1995. p.5)

Gentili (2005) ainda cita que o direito à informação atualizada pode ser a porta de entrada para o conhecimento de outros direitos. Quando essa informação se faz necessária, pode abranger áreas do direito social, civil e político. Segundo ele, o direito à informação "permite ao cidadão o acesso e a crítica aos instrumentos necessários" (2005. p.28).

De acordo com Daniel Boorstein (1971, p.124), em 1828 surgiu a expressão "quarto poder", fazendo referência à imprensa. Segundo o autor, o "quarto poder" é uma expressão que é usada para declarar que o jornalismo e os meios de comunicação em massa podem exercer um papel de influência e decisão sobre a sociedade. Ela surgiu a partir de um parlamentar inglês chamado McCauley, que um dia apontou para a galeria onde os jornalistas estavam no parlamento e os apelidou de "Quarto Poder" (TRAQUINA, 2005. p.46).

No ano de 1828, ainda sobre a influência da Revolução Francesa, quando MaCaulay se referiu-se ao "quarto" état [...], tinha como quadro de referência os três états da Revolução Francesa: o clero, a nobreza e o *troisième état*, que engloba os burgueses e o povo. No novo enquadramento da democracia, com o princípio de "poder controla poder" (*power checks power*), a imprensa (os *media*) seria o "quarto" poder em relação aos outros três: o poder executivo, o legislativo e o judicial. (TRAQUINA, 2005. p.46)

Contudo, o chamado novo "Quarto Poder" precisava justificar o seu lugar crescente em meio à sociedade. Segundo Traquina (2005), era nas "ideias dos 'utilitaristas ingleses' do século XIX que a imprensa iria encontrar uma série de argumentos para combater a imagem de uma força perigosa" que alguns dos políticos dos parlamentos da época queriam impor. De acordo com o historiador George Boyce (1978: 21), seria a imprensa a responsável por atuar como um elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes.

Os jornais eram vistos como um meio de exprimir as queixas e injustiças individuais e como uma forma de assegurar a proteção contra a tirania insensível. Portanto a legitimidade jornalística está na teoria democrática e, segundo os seus teóricos, assenta claramente numa postura de desconfiança (em relação ao poder) e numa cultura claramente adversarial entre jornalismo e poder. (TRAQUINA, 2005. p.47)

Por fim, provando essa legitimidade que os políticos tanto temiam, o jornalista pôde introduzir o seu papel duplo na sociedade: sendo o porta-voz da opinião pública, dando visibilidade aos pensamentos e desejos das vozes menos favorecidas no interior da sociedade e também como os "vigilantes" do poder parlamentar/político, onde ele protege os cidadãos contra o abuso de poder dos mais favorecidos (o governo). Assim, o jornalismo, a democracia e o intitulado "quarto poder" seguiram juntos de maneira simbiótica.

No que tange a nada ético universo da manipulação das informações, vale abordarmos um tópico bastante em voga e contemporâneo: as "fake news". Aqui no Brasil, o fenômeno se tornou mais conhecido nas eleições de 2018, caracterizando-se como um conjunto articulado de produção de notícias falsas. As "fake news" são histórias falsas que parecem ser notícias, espalhadas pela internet ou em outros meios de comunicação, geralmente criadas para influenciar visões políticas ou como piada.

O Brasil é considerado, hoje, um dos países que mais produz, consome e dissemina notícias falsas. Segundo o Relatório da Segurança Digital no Brasil de 2018, o índice de “fake news” se intensificou 50,6% apenas do primeiro para o segundo trimestre do ano citado, somando o total de 4,4 milhões de detecções. O relatório explica que essa curva tende a ser mais elevada nos períodos de grandes eventos como eleições, Copa do Mundo e, mais recentemente, com a pandemia do Coronavírus.

Esse fenômeno vem atraindo crescente atenção nos últimos anos, mas foi antes de 2018, mais precisamente em 2016, que as pessoas começaram a ouvir esse termo mais frequentemente. Nas eleições dos Estados Unidos de 2016, as “fake news” foram apontadas como um fator determinante para o desfecho do resultado. Desde lá, as notícias falsas se tornaram um interesse global, estando presente em pautas acadêmicas, políticas, jornalísticas, que está muito atrelada às questões sobre ética no jornalismo.

A palavra post-truth (pós-verdade, em uma tradução literal para o português) foi eleita como a palavra do ano. A Pós-verdade pode ser definida como aquilo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais” (GENESINI, 2018. p.47). Dito isso, percebemos que há certas similaridades entre os conceitos de pós-verdade e o de “fake news”, uma vez que ambos giram em torno de informações falsas, adulteradas ou equivocadas. Entretanto, vale ressaltar que não se tratam de sinônimos. O fato de você acreditar em “fake news” não necessariamente está atrelada às suas crenças pessoais. Já a pós-verdade, parece estar se referindo ao fato de o mundo não estar “treinado” ou preparado para diferenciar notícias falsas das verdadeiras.

Na pós-verdade, as pessoas creem obstinadamente em suas visões de mundo e apenas procuram aceitar aquelas informações que confirmam suas crenças, que não são postas em questionamento. Assim, perde a força de persuasão o contraste de argumentos, e as pessoas sucumbem a boatos, sem propensão a analisar os fatos. Esse é um caldo de cultura propícia à disseminação das fake news. (RAIS, 2018. p.80)

Podemos chegar à conclusão de que o jornalismo é ferramenta essencial para a formação de uma sociedade democrática e com cidadania. Trata-se, assim, de um movimento recíproco e de duplo tensionamento em prol do bom exercício da

cidadania e construção de uma democracia saudável. Isto é, uma imprensa livre e comprometida com a verdade tende a estimular a produção do pensamento crítico no cidadão, o qual, por sua vez, terá acesso a ferramentas necessárias para também cobrar a prática do bom jornalismo.

É fundamental, portanto, ficarmos atentos ao excesso de informações falsas disponíveis na internet. A desinformação vem se tornando uma prática cada vez mais comum e de difícil controle. O ambiente digital hoje proporciona ao usuário uma liberdade para escolher o que deseja consumir. Se há pouco tempo atrás o consumo de notícias se dava majoritariamente através de rádios, telejornais e jornais impressos, que, em tese, endossavam maior credibilidade à notícia, hoje a migração desse consumo para os meios digitais é inexorável. Nessa terra de muitos emissores e poucos filtros, o acesso ao verdadeiro e ao falso se torna um processo que recai em demasia à capacidade reflexiva e crítica de cada receptor. Essa realidade nos traz como reflexo o que hoje é chamado de 'era de desinformação' por Wardle e Derakhshan (2017), mesmo tendo mais acesso a ela. Uma era marcada pela formação de opiniões distorcidas, interferência nos processos políticos e que levam ao linchamento virtual e real.

Diante deste cenário, o jornalismo se torna cada vez mais essencial e relevante para o combate das notícias falsas. Para tanto, é essencial, para o bom uso desta profissão e prática, recorrermos ao código de ética do Jornalismo. Ali, a prerrogativa máxima é a de que o jornalista tem o dever de prezar pela apuração da veracidade das informações que serão repassadas ao público, tendo o poder e a obrigação de desmentir eventuais distorções dos fatos para bem informar a sociedade. Cornu (1998) sustenta que o fator decisivo para que a imprensa e/ou o jornalista seja considerado bom é a verdade presente em seus textos. Isto é, “informações exatas, verificadas, apresentadas de modo equânime, opiniões expostas com honestidades livres de preconceitos [...]” (p.64).

Para Branco (2009), a chamada era digital está diretamente ligada à crise da ética jornalística. Para o autor, outro fator a se considerar nesse movimento é a falta

de confiança que os meios de comunicação estão proporcionando devido a *mass media*², mais conhecida como comunicação de massa.

A credibilidade dos jornalistas diminui à medida que se propaga a doença dos mass media. 1991 ficou como ponto de referência, pois se assiste à cobertura mediática da guerra do golfo, cristalizando as críticas relativas ao tratamento da informação. Esta declinou na moda do espetáculo, estando reduzida a um produto de consumo, tendo perdido todas as suas especificidades. Trata-se de uma banalização, que toma diversas formas e que se inscreve num contexto mais abrangente. (BRANCO, 2009, p.78)

Por conta disso, um setor que vem ganhando força no combate à desinformação são agências ou profissionais especializados em “*fact-checking*”, que, na tradução direta, significa checagem de fatos. O jornalismo, desse modo, está cada vez mais ligado à ciência de dados nas investigações ao conteúdo noticiado, de modo a garantir maior credibilidade e segurança de que a informação verdadeira chegue até o leitor.

A divulgação de notícias e informações falsas pode ser, como vimos, uma ameaça à democracia. E, quando esta prática põe em risco a vida dos cidadãos, torna-se fundamental repensar a importância do jornalismo na sociedade. Nos últimos dois anos, o mundo se deparou com um cenário histórico. A pandemia do Coronavírus se instalou no cotidiano de todos os brasileiros e pessoas ao redor do globo. Segundo o JHU CSSE COVID-19 Data³, o vírus fez mais de 6,55 milhões de vítimas no mundo e mais de 686 mil apenas no Brasil.

Conforme a Covid-19 se espalhava e sofria mutações genéticas, médicos, cientistas e especialistas começaram a desenvolver vacinas contra a doença, e os primeiros imunizantes ficaram prontos em meados do segundo semestre de 2020⁴. Em entrevista para o site do Instituto Butantan⁵, a pesquisadora científica e diretora do Laboratório de Desenvolvimento de Vacinas do Butantan, Viviane Maimoni Gonçalves, disse que o trabalho para produzir a vacina veio bem antes da

² Mass Media são os meios de comunicação em massa como televisão, jornais, rádios, imprensa, entre outros, que visam fornecer informação para o maior número de pessoas simultaneamente.

³Fonte: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19> Acesso em 02 de outubro de 2022.

⁴Fonte: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707772>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

⁵Fonte: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/a-velocidade-com-que-foi-criada-a-vacina-da-covid-19-e-motivo-de-preocupacao-especialista-do-butantan-responde>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

pandemia, tendo em vista que a tecnologia desenvolvida para combater o vírus existe há pelo menos no mínimo 20 anos.

Como todas as informações de caráter público, os dados da vacinação em relação deveriam estar disponíveis no Portal da Transparência, site do Governo Federal lançado pela Controladoria-Geral da União (CGU) em 2004. No site, todo o cidadão pode ter livre acesso e encontrar informações sobre como o dinheiro público é utilizado, além de se informar sobre assuntos relacionados à gestão pública do Brasil. Em junho de 2020, o Ministério da Saúde tirou os dados do ar e ameaçou sonegar informações sobre a real situação da pandemia no país⁶. Foi então que, através de uma iniciativa inédita, o consórcio de veículos de imprensa, formado pela Folha de São Paulo, UOL, O Estado de S. Paulo e, O Globo, G1 e Extra, lançaram em 29 de junho de 2021, uma campanha que tem como objetivo incentivar a vacinação contra a Covid-19, para acompanhar e divulgar os números da pandemia em território brasileiro.

Figura 1 - Matéria sobre o consórcio de veículos de imprensa



Fonte: G1, 2022.

Desde a criação, os dados são coletados diretamente das secretarias estaduais da Saúde pelos próprios veículos de imprensa e publicados através dos sites oficiais dos veículos, como também nos telejornais e jornais impressos. Este é um claro exemplo de como o jornalismo é uma engrenagem fundamental em

⁶Fonte <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/06/apos-reduzir-boletim-governo-bolsonaro-retira-dados-acumulados-da-covid-19-de-site-oficial.ghtml>. Acesso em 20 de setembro de 2022.

qualquer sociedade democrática, promovendo, através do acesso transparente à informação, a formação do pensamento crítico, da cidadania e do exercício da própria democracia.

2.2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Como vimos até então, o jornalismo possui, como um de seus bastiões, o compromisso ético, objetivo e de transparência na averiguação, produção e divulgação da notícia de modo a desempenhar um papel essencial em qualquer sociedade, especialmente naquelas com valorização e defesa à democracia. Entretanto, ao longo de sua história, o Jornalismo foi se diversificando e apostando em frentes de ação mais específicas. Isto é, além de informar, o Jornalismo acabou assumindo também o papel de entreter.

Para iniciarmos a abordagem sobre os gêneros jornalísticos, devemos voltar um pouco ao passado na sua origem. Classificar textos e peças teatrais em gêneros já era uma prática na Grécia Antiga. Platão, por exemplo, propunha uma classificação binária entre o gênero sério, que incluía a epopeia junto da tragédia, e o gênero burlesco, do qual faziam parte a comédia e a sátira. Tempos depois, Platão reorganizou a classificação transformando-a agora em três modalidades, baseada na variação das relações entre literatura e realidade, ou seja: da imitação: gênero mimético ou dramático (tragédia e comédia); gênero expositivo ou narrativo (ditirambo, nômico, poesia lírica); e gênero misto, constituído pela associação das duas classificações anteriores (epopeia).

O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos. (MARQUES DE MELO, 2009, p.35)

Marcondes Filho (2000) retrata, em seu livro *A Saga dos Cães Perdidos*, três fases diferentes do jornalismo em relação à sociedade. O chamado “primeiro jornalismo”, teve início no final do século XVIII até a metade do século XIX e a sua

principal característica era ter uma forte marca literária com elementos da política. As páginas dos jornais funcionavam grande parte das vezes como uma vitrine de propagandas políticas e os textos que preenchiam as páginas, eram escritos pelos próprios políticos, que também eram donos dos jornais.

Os jornais eram escritos com fins pedagógicos e deformação política. É também característica do período a imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos e seu jornal, seu porta-voz. Cada político razoavelmente destacado criava seu clube, cada dois criavam um jornal [...] (Marcondes Filho, 2000, p.12)

Passado o tempo, a segunda fase do jornalismo foi se instalando, que segundo Marcondes Filho (2000), começou no século XIX. Nela, já podíamos presenciar a modernização no processo de produção dos jornais. Nessa época, os jornais mais populares ainda mantinham a tradição de apenas publicar assuntos relacionados à política e propaganda, enquanto os maiores já visavam o lucro, fazendo com que a abordassem mais conteúdos. O avanço tecnológico proporcionou um aumento nas tiragens dos jornais nos Estados Unidos e na França. Desde aí, o objetivo do jornalismo era alcançar um ponto de equilíbrio, para não ter mais a política como foco principal.

O “terceiro jornalismo” é marcado pelo nascimento e disseminação das empresas jornalísticas e polos de comunicação ao redor do globo. Além do jornalismo que estava presente nas fases anteriores, no terceiro jornalismo surgiu uma nova forma de comunicação, classificado como “jornalismo publicitário”, responsável por descaracterizar o jornalismo no final do século XX. De acordo com Marcondes Filho (2000), o processo jornalístico se torna comprometido, ou seja, o costume de se questionar político e a própria política.

A partir de um estudo rigoroso, Marques de Melo (2016) classificou os gêneros jornalísticos estudados entre os anos de 2002 e 2007 como: informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista), opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica), interpretativo (análise, perfil, enquête, cronologia e dossiê), diversional (história de interesse humano e história colorida) e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço).

Em termos gerais, os gêneros refletem um momento da sociedade, e estão inseridos em uma relação que ao mesmo tempo em que auxilia a produção de conteúdos, também facilita a leitura destes trabalhos. Os gêneros,

portanto, são elementos contratuais que envolvem a relação entre emissor e público: uma promessa de conteúdo e um conjunto de possibilidades linguísticas-visuais já conhecido por produtores e receptores. (SANTOS *et al.*, 2021, p.18)

Compreendendo a classificação proposta por Marques de Melo, é natural que uma série de subgêneros surjam, buscando atender demandas do mercado de notícias. Esses subgêneros acabam fazendo uso, em maior ou menor intensidade conforme a especificidade, das próprias características propostas pelo autor. Assim, nota-se a presença deles na rede programação da televisão, rádio e jornalismo impresso. Normalmente quem se depara com esses outros estilos de jornalismo são estudantes do curso ou jornalistas já praticantes da profissão.

Dentre os gêneros mais comuns, por exemplo, está o jornalismo esportivo, que como o próprio nome já diz, foca nas notícias do esporte segmentado por regiões ou países. Nele, encontra-se desde o futebol até os mais variados esportes do mundo. Um programa exemplo que temos aqui no Rio Grande do Sul é o *Globo Esporte*, presente na grade da RBS TV, afiliada da Rede Globo. Outro gênero já citado aqui anteriormente, é o jornalismo político, responsável por levar ao espectador e/ou leitor, o que acontece nos três poderes da república (executivo, legislativo e judiciário). O jornalismo político é um grande aliado à luta pela democracia e está muito presente em canais como a CNN. Além dos gêneros citados, temos também o jornalismo científico, responsável por interpretar e repassar ao público informações técnicas, detalhadas e por muitas vezes carregadas de jargões de forma simples e compreensível. Podemos terminar essa breve lista falando do jornalismo investigativo, onde ele é responsável por investigar e expor comportamentos e práticas ilegais e antiéticas de indivíduos, órgãos públicos e agências do governo. Normalmente os repórteres investigativos não mostram o rosto para não serem descobertos durante as investigações, um exemplo disso é o repórter Giovani Grizotti da RBS TV, que nunca mostra a face.

Hoje, com a sistematização da internet como espaço de socialização e consumo, nota-se o crescimento do subgênero que pode ser classificado como jornalismo de celebridades ou de pessoas. Focado em personagens públicos, alimenta-se de notícias e fofocas de *reality shows*, novelas, famosos, membros de famílias importantes e afins. Uma das perguntas que rodeiam esse trabalho é por que Suzane Von Richthofen ainda continua sendo notícia, sendo que o crime que

ela cometeu já se passou mais de 20 anos? Já que o jornalismo de pessoas e celebridades fala de indivíduos renomados e com algum tipo de relevância para a sociedade, quando que Suzane passou de criminosa para “celebridade”? É pensando nisso que podemos entrar nos gêneros de jornalismo criminal e sensacionalismo.

2.3 JORNALISMO CRIMINAL E SENSACIONALISMO

Como já foi debatido anteriormente, fato e verdade caminham sobre uma linha tênue. E, no cada vez mais concorrido mercado de notícias, o sensacionalismo acabou ganhando espaço. Para Pedroso (2001), o sensacionalismo pode ser caracterizado como:

Intensificação e exagero gráfico, temático, linguístico e semântico, contendo em si valores e elementos desproporcionais, destacados, acrescentados ou subtraídos no contexto de representação e construção do real social [...] é exploração do fascínio pelo extraordinário, pelo desvio, pela aberração, pela aventura, que é suposto existir apenas na classe baixa. É no distanciamento entre a leitura e realidade que a informação sensacional se instala como cômica ou trágica, chocante ou atraente. (PEDROSO, 2001, p. 52).

Historicamente, o sensacionalismo tendeu a se aproximar do jornalismo criminal. Esse gênero se assemelha ao que chamamos de jornalismo policial, onde se concentra na produção de notícias com âmbito criminal de todas as espécies. Isso tange o vasto universo que contempla desde roubos, homicídios, latrocínios, entre outros. Como falamos anteriormente, o jornalismo retrata a realidade, o que acontece na sociedade, isso explica o porquê foi se formando ao longo do tempo segmentos que atendem determinada demanda de um público específico, ou seja, os gêneros jornalísticos citados acima.

Voltando um pouco à história para entender a origem dessas notícias criminalísticas, Rolim (2006) destaca que nem sempre os meios de comunicação foram os responsáveis por disseminar a fascinação do crime. Entre os séculos XVII e XVIII, já era possível notar manifestações de uma literatura que influenciava a escrita dos chamados ‘fora-da-lei’ e confissões “pré-execução”. Outro exemplo disso

é as famosas obras de Shakespeare, que exploravam o universo da morte e violência de forma romantizada, ou podemos dizer, sensacionalizada.

Para Rolim (2006), esse gênero foi criado justamente para retratar esses acontecimentos considerados atípicos e ilegais, e reforça a sua importância como uma regra fundamental para conviver em sociedade.

[...] crime e violência sempre foram temas importantes também porque tratam de realidades extraordinárias, incomuns. Destacadamente, os casos de assassinato – abordados tanto nos relatos ficcionais quanto nos noticiários – dizem respeito a “transgressões máximas” pelas quais tomamos contato, então, com “interdições máximas”. Em cada história de assassinato estamos diante da lembrança da violação de uma regra fundamental da civilização. (ROLIM, 2006, p. 186-187)

Em outras palavras, essa fixação pelo “ilegal” é sedutora, fazendo com que leitores ou espectadores sejam atraídos para dentro da história. Trazendo para o dia-a-dia, sempre que vemos alguma notícia de que um cidadão foi sequestrado, é comum, em grande parte das vezes, querermos saber o desfecho da história, assim, ficamos vidrados em cada novo detalhe. O mesmo se explica para as criminalidades. O leitor fica “deslumbrado” com os atos considerados incomuns e ilegítimos, assim, o consumo desse tipo de jornalismo é elevado em comparação aos outros.

Mas até que ponto o jornalismo sob o gênero criminal pode ser considerado ainda jornalismo? Com o aumento da criminalidade, pautas de crimes como assassinatos brutais foram sendo mais comuns. Segundo Ramos e Paiva (2007), a partir da década de 90, cada vez mais pautas policiais sobre segurança pública foram aparecendo nos jornais, resultado da “escalada das estatísticas de homicídios, o aumento do número de vítimas entre as classes média e alta e a chegada de especialistas a cargos de gestão em secretarias de segurança” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 17).

Dito isso, outro ponto destacado pelas autoras foi à mudança de postura dos jornais, que começaram a usar fotos expondo as vítimas em situações de vulnerabilidade - como, por exemplo, baleadas, mortas em circunstâncias que causam choque ao receptor da notícia. Isto é, o uso da violência plástica se tornou também ferramenta de apelo. Essa prática é conhecida como sensacionalismo, um termo bem presente na cobertura criminal, onde citamos que caminham em uma linha tênue. Barbosa e Rabaça (2002) explicam o sensacionalismo como:

Estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e a exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público. Esse exagero pode estar expresso no tema (conteúdo), na forma do texto e na apresentação visual (diagramação) da notícia. (BARBOSA e RABAÇA, 2002, p. 666).

Contudo, não são apenas os programas sensacionalistas que fazem esse tipo de jornalismo popular, como por exemplo *Cidade Alerta*, transmitido pela Rede Record TV. Em um estudo feito por Ramos (2012), ele encontrou o jornalismo com esse exagero temático em telejornais como Jornal Nacional da TV Globo, no Jornal Aqui Agora do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e na revista Reader's.

É de extrema importância deixar claro que nem toda notícia relacionada à morte ou violência conterá cunho sensacionalista. Este estilo de jornalismo será aplicado nos acontecimentos que contém uma anormalidade e que estimule em seu leitor a curiosidade diante da notícia. Tendo em vista isso, Amaral (2006) fala sobre a estratégia da mídia em postar determinados assuntos que causam certo horror ou estranheza.

O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como superposição do interesse público; a exploração do interesse humano; a simplificação; a deformação; a banalização da violência, da sexualidade e do consumo; a ridicularização das pessoas humildes; o mau gosto; a ocultação de fatos políticos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciismo; os prejulgamentos e a invasão de privacidade tanto de pessoas pobres e como de celebridades, entre tantas outras. (AMARAL, 2006, p. 21)

Para Marques (2006), podemos dividir o jornalismo enquanto conteúdo sensacional em quatro tipos diferentes, que muitas vezes conversam entre si. A primeira é a **violência**, que se concentra em notícias como ameaças, brigas, roubos, assassinatos, situações que envolvem polícia e que provocam sentimentos ruins, como pânico, ironia, revolta e às vezes humor. O segundo é o **sexo**, onde se desenvolve as narrativas que falam sobre traições, tabus, próprio sexo. Muitas delas vem acompanhada também da violência, como por exemplo o estupro e celebridades. O terceiro tipo é a **escatologia**, onde se trata de fenômenos e catástrofes naturais, coisas do sobrenatural com efeitos extraordinários da ciência. O quarto tipo é a **celebridade**, que foca principalmente na vida pessoal da pessoa em

questão, trazendo a conhecimento público informações privadas, como relacionamentos, exposições íntimas e escandalosas, geralmente envolvendo sexo.

Dito isso, de que forma então Suzane Von Richthofen se encaixaria nesses critérios de notícias sensacionalistas para estar sempre virando pauta nos principais veículos de imprensa? Essa pergunta poderá ser respondida na sequência do próximo capítulo, onde estudaremos os critérios de noticiabilidade no jornalismo em geral.

3. Critérios de noticiabilidade no jornalismo

Para começarmos a desenvolver este projeto no princípio da metodologia utilizada, primeiro devemos entender o que são os critérios de noticiabilidade no jornalismo. É um tanto complicado tentarmos responder às perguntas “o que é jornalismo?”, “o que é uma notícia?” ou “quais são os critérios para uma notícia virar notícia?”. Para respondermos essas e outras perguntas, é de extrema necessidade mergulharmos em livros de autores da literatura especializada no jornalismo, que pense ele teoricamente, mas inserindo no cotidiano.

Para Silva (2005), “compreendemos noticiabilidade como todo e qualquer fato potencialmente capaz de agir no processo de produção da notícia”, ou seja, transita desde as características dos fatos, o olhar pessoal do jornalista, qualidade do material (texto e imagem), fatores éticos, históricos, políticos, econômicos e sociais. Resumindo, os critérios de noticiabilidade são a junção de valores-notícia que definem se o assunto ou acontecimento pode se tornar notícia, isto é, ser analisado e julgado ser merecedor de virar matéria, assim possuindo valor-notícia.

Na análise primordial destes livros e artigos que definem o que é a notícia, pode-se dizer que a notícia é tudo aquilo que é importante e/ou interessante para a sociedade como um todo. Para conhecimentos mais superficiais, a notícia é classificada com o termo de interesse público. Contudo, os critérios utilizados para definir o que é a notícia são muito mais complexos do que apenas isso.

Segundo Nelson Traquina (2005), a existência dos critérios de noticiabilidade se dá através dos chamados valor-notícia, onde os membros da tribo jornalística partilham entre si.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia". Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo "valor notícia" '. (TRAQUINA, 2005, p. 63)

Esses valores-notícia são constituídos a partir da pergunta feita por Wolf (2006) "quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícia?".

Reconhecer que um fato pode ou não se tornar notícia é responsabilidade do jornalista que está acompanhando o ocorrido. São eles os responsáveis por contar às histórias que atravessam o mundo, o seu bairro, cidade ou país. Como Frasciscato (2005) disse, "O jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente", é papel do jornalista espalhar esses eventos.

Todavia, estudando o comportamento dos jornalistas, Tuchman (1978) descobriu que até as próprias pessoas que exercem a profissão de jornalismo, tem dificuldades de explicar quais os critérios de noticiabilidade que eles usam ao escolher um fato para virar notícia. De acordo com Tuchman (1978), isso acontece "devido à sua maneira de agir que privilegia a ação", ou seja, o jornalista já nasce com o "faro para notícia".

Mas mesmo neste "faro jornalístico", há uma quantidade de valores a serem levados em conta, os chamados valor-notícia. Eles devem ser seguidos para que a construção da notícia seja concretizada de maneira que os leitores consigam enxergar e entender a relevância e/ou importância da informação que é compartilhada pelo profissional.

O campo jornalístico se constituiu no século XIX em um contexto em que existiam jornais que apresentavam ao público preferencialmente notícias, com foco sensacionalista, e jornais que traziam propostas de análises e comentários. A distinção principal entre os dois tipos de jornais se fazia pela presença da objetividade nos jornais que traziam análises e comentários (BOURDIEU, 1997).

Diversos autores e especialistas do gênero jornalístico pesquisaram, analisaram entre os séculos até hoje quais são os critérios de noticiabilidade em suas concepções. Através da pesquisa e desenvolvimento de Traquina (2005)

baseada no estudo do acadêmico italiano Mauro Wolf, aqui vai às noções dos valores-notícia, que para Traquina (2005), se distingue em valores-notícias de seleção e valores-notícias de construção.

3.1 Valores-notícia de seleção

Para Wolf, os valores-notícia de seleção se referem aos critérios que os jornalistas utilizam “na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícias e esquecer outro acontecimento” (apud TRAQUINA, 2005, p.78). Os valores-notícia se dividem em dois grupos: a) critérios substantivos que fazem alusão direta à importância do acontecimento e avaliação como notícia. B) critérios contextuais que se referem “ao contexto de produção de notícia” (TRAQUINA, 2005, p.78).

3.1.1 Valores-notícia de seleção – critérios substantivos

3.1.1.1 Morte

Para Traquina (2005), um dos valores-notícias comum em todas as listas e presentes em todos os jornais do mundo, é a morte. O que tem de comum em fatos noticiados famosos como o ataque das torres gêmeas, o assassinato de seis empresários no Brasil e a queda da ponte de Entre-os-Rios? A resposta é a morte! Segundo Traquina (2005), “onde há morte, há jornalistas”.

Segundo Traquina, todos nós ainda seremos notícia quando morrer. Seja na matéria de capa ou dentro dos cadernos. Mas isso só vai acontecer se tiver notoriedade, que é outro valor-notícia identificado por Traquina. A morte se torna um valor-notícia fundamental para a tribo jornalística justamente por ter a novidade e notoriedade atreladas.

Diversos pesquisadores diferentes estudaram a relação entre morte e notícia. Mouillaud (apud Silva, 2012), separa as mortes que são retratadas nas notícias como acidentais, privados ou públicos, dos obituários, dos conflitos de guerras e revoluções. O grande morto válido por seu próprio nome versus aqueles anônimos mortos em acidentes, tomados por sua grandeza numérica (MOUILLAUD, 2002).

3.1.1.2 Notoriedade

A notoriedade é um valor-notícia fundamental para os jornalistas. E esse critério existe desde a época das “folhas rolantes”, onde as pessoas classificadas importantes da época, como às de elite ou de nível hierárquico elevado, sempre eram notícia. Ele se refere àquelas pessoas cujas decisões afetam um número expressivo de gente. É fácil de enxergar esse valor-notícia ao vermos “a cobertura de um congresso partidário e a forma como os membros da tribo jornalística andam atrás das estrelas políticas” (TRAQUINA, 2005, p. 79).

Galtung e Ruge (1965/1999) descreveram esse valor-notícia como “Quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia”. De uma forma geral, é muito simples explicar esse valor. O nome, cargo e posição na sociedade são de extrema importância como critérios de noticiabilidade. Em tese, o que o Presidente da República de qualquer país faz é importante, pois o Presidente é importante.

O critério de morte e notoriedade estão intimamente ligados às matérias jornalísticas. Um exemplo próximo que podemos visualizar no dia-a-dia é a morte da cantora Marília Mendonça que aconteceu em 5 de novembro de 2021, em decorrência da queda do avião em que ela estava. A morte está em evidência justamente por ela ser uma pessoa de conhecimento a nível nacional.

3.1.1.3 Proximidade

Outro critério citado por Traquina (2005) e que está presente nas várias listas de outros autores/pesquisadores, é a proximidade. Quando falamos de proximidade aqui, falamos tanto da geográfica, quanto da sociológica e psicológica, ou seja, pode ser em termos geográficos ou em termos sociais. Quando falamos da questão sociológica, falamos dos grupos que buscam trocar informações, onde tenham afinidades com diferentes temas e expectativas em comum. Proximidade essa que envolve certos efeitos psicológicos de identificação e implicação afetiva (ALSINA, 2009, p. 105). Quando falamos da questão geográfica, se diz respeito à proximidade espacial, onde o próprio nome já diz, está ligada intimamente na convivência

cotidiana das pessoas no contexto inserido, que gera uma afetividade e interação com o problema ainda maior. Aqui se encaixam as famosas notícias de bairro ou cidade em que se mora, onde são compartilhadas com os seus amigos, vizinhos e moradores da cidade. Para Traquina (2005), um acidente de avião com vítimas fatais em Cascais facilmente poderá ser notícia em um jornal de Lisboa, com mais dificuldade no jornal do Porto, mas muito improvável em um país estrangeiro.

No caso dos desastres, a chamada Lei McLurg estabelece uma relação geográfica para avaliar a sua noticiabilidade. No entanto, a distância geográfica é distorcida pelos mecanismos de recolha de informações. Por exemplo, Golding e Elliot escrevem que a distribuição da recolha de informações não é casual e, em termos jornalísticos, Lagos, por exemplo, está mais perto de Londres do que de Accra. (TRAQUINA, 2005, p. 80).

Assim, uma das observações que se pode ter é de que a proximidade é um dos critérios que mais vende notícias. Isso a gente pode observar por meio de jornais de bairro, programas televisivos jornalísticos, como por exemplo, Jornal do Almoço aqui no Rio Grande do Sul, onde retrata os maiores fatos e acontecimentos com foco na cidade em que são produzidos, rádios voltadas para um segmento específico, como rádios de esporte. Esses exemplos são colocados em cada cidade, estado e país, onde o jornalismo conecta as pessoas de acordo com a relevância dos fatos.

3.1.1.4 Relevância

Traquina também classifica a relevância como outro fator para os critérios de noticiabilidade. Segundo o autor, “este valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” (TRAQUINA, 2005, p. 80). Em outras palavras, a relevância tem a capacidade de classificar e perceber se os fatos têm impacto o suficiente sobre a vida das pessoas, seja ela da cidade, país e mundo.

Para Traquina (2005), é parte da responsabilidade dos jornalistas darem sentido às notícias para tornar os acontecimentos relevantes para as pessoas, demonstrando de que forma um determinado fato tem significado para elas. No livro, o autor cita o exemplo de um estudo realizado nos anos 70 no contexto da guerra fria, onde Gans (1979) notou que sob os termos da cobertura jornalística americana, houve uma separação de três categorias de países onde a primeira era os Estados

Unidos e os seus aliados, o segundo era a União Soviética e os seus aliados e a terceira era o restante de países que raramente eram notícia. Em relação a essa terceira categoria, Traquina (2005) descreve que de acordo com Gans, só “constituem notícia apenas quando são teatro de acontecimentos muito dramáticos, como conflitos, golpes de estado e grandes desastres”. Trazendo um exemplo mais próximo de nós, quando se trata da liberação da posse de arma, que foi discutido durante o governo Bolsonaro desde 2018, cabe ao jornalista brasileiro mostrar de que forma esse possível acontecimento impactaria na vida das pessoas e compartilhar indicadores se seria benéfico ou não, isto é, se teria aumento ou diminuição de violência. O papel do jornalista seria, então, mostrar a relevância da pauta da liberação da posse de arma e por que deve ser discutida em sociedade.

Contudo, nem todo o acontecimento que é relevante para um país, pode ser para outro. Um exemplo disso é o novo lançamento de um carro topo de linha da categoria SUV. Essa relevância está intimamente atrelada aos valores pertencentes à determinada sociedade e a sua cultura. O exemplo do carro citado acima pode ter extrema relevância para países populosos e desenvolvidos socialmente e economicamente, como Brasil e Estados Unidos. Já na Holanda, que é um dos países que conta com o menor número de automóveis no mundo, pode não ter o mesmo impacto e relevância. Alsina explica esse fenômeno como significação, como também pode ser chamado o valor-notícia de relevância.

A significação pode ocorrer por sintonia cultural ou relevância no acontecimento. Portanto, aumenta a possibilidade de seleção se um acontecimento está de acordo com os interesses e com a cultura de uma determinada comunidade. Qualquer jornalista sabe que, quando o time de futebol ganha, vendem-se mais jornais. (ALSINA, 2009, p. 158).

3.1.1.5 Novidade

A novidade é o tema que mais está inserido no dia-a-dia do ser jornalístico. Como já falamos neste capítulo, a novidade é premissa para ser notícia. Traquina (2005) cita em seu livro a importância de ter algo novo principalmente nos trabalhos dos jornalistas investigativos, sendo uma das maiores dificuldades para eles é ter uma justificativa nova para voltar a falar do velho sem novos elementos. “Geralmente

tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto. Devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (TRAQUINA, 2005, p. 81).

Porém, não é sempre que podemos contar com a novidade no campo jornalístico. Não é possível afirmar que todos os dias ocorrerão algo de novo e que seja noticiável, por isso percebemos que a notícia fala de um contexto familiar. Para Franciscato (2005), o trabalho jornalístico de identificar e apresentar o “novo” mostra-se em uma rotina e um ambiente em que a novidade e a continuidade não se encaixam.

O cotidiano pode estar ligado a um sentido de presença continuada, de frequência [sic] e de repetição: agentes, temas, situações e objetos que se repetem ou se sucedem num período temporal, gerando um sentimento de continuidade, proximidade e familiaridade, pois aquilo que se repete todos os dias se torna familiar. (FRANCISCATO, 2005, p. 152)

3.1.1.6 Tempo

Tempo é um dos fatores determinantes nos critérios de noticiabilidade, porém ele se divide em maneiras diferentes. Primeiramente falando, o fator tempo é um critério em relação à atualidade. Traquina também explica que um acontecimento pode servir de gancho para ligar outro acontecimento ligado a esse assunto. “A existência de um acontecimento na atualidade já transformada em notícia pode servir de “news peg”, ou gancho (literalmente, “cabide” para pendurar a notícia)”. Melhor explicando, a própria data do acontecimento em qualquer época do tempo, pode servir como gancho para justificar a noticiabilidade de um ocorrido que já teve o seu lugar de destaque no passado, como por exemplo, os aniversários de morte.

Um exemplo disso é o ataque de 11 de setembro, que todo ano, vira notícia novamente, mas em diferentes temas. Ele serve como o gancho que liga ao acontecimento pertencente há 20 anos antes. Outro exemplo prático disso é os aniversários de artistas famosos ou pessoas importantes. Na rede social Instagram, existe uma página oficial da rádio 102.3 FM, de Porto Alegre, onde existe um quadro chamado “Hoje na História”. Nele, são lembrados acontecimentos marcantes que fazem aniversário em determinado dia. Por exemplo, no dia 9 de fevereiro de 1970, a banda The Doors lançava o álbum “Morrison Hotel”. Na mesma data, só que em 2022, esse acontecimento foi lembrado como história de 52 anos do álbum.

Outra característica que engloba o valor-notícia é quanto a sua permanência. “Devido ao seu impacto na comunidade jornalística, um assunto ganha noticiabilidade e permanece como assunto como valor-notícia durante um tempo mais dilatado” (TRAQUINA, 2005, p. 82). Um exemplo que é citado pelo autor é relacionado ao massacre no cemitério de Dili, onde Timor ganhou noticiabilidade, ao ponto de ao longo do tempo, todo e qualquer assunto que o envolvia era visto pela comunidade jornalística portuguesa como um critério de noticiabilidade. Podemos pegar este exemplo que se encaixa perfeitamente ao caso Suzane Von Richthofen, onde ela matou os pais com a ajuda do namorado e do cunhado na época. Esse caso ficou tão famoso desde o seu acontecimento em 2002, que até hoje as atitudes de Suzane são valores-notícia para a mídia.

3.1.1.7 Notabilidade

Outro valor-notícia indicado por Traquina (2005) é o de Notabilidade. Traquina classifica a Notabilidade como a capacidade de ser visível e tangível. Uma greve operária, por exemplo, é um perfeito case para virar notícia, já que ela é totalmente visível e tangível. Já os fatores que levaram à greve, como a condição de trabalho dos operários, que são a raiva do contra-mestre, dificilmente venham a ser notícia já que é pouco tangível. Esse critério serve de alerta para mostrar que o campo jornalístico leva muito mais em consideração para virar notícia quando são acontecimento e não problemáticas. Tuchman (1978) dá um perfeito exemplo de que os acontecimentos estão concretamente enterrados na “teia de facticidade”, ou seja, o quem? o quê? quando? onde? como? por quê? do tradicional lead noticioso. As problemáticas não estão.

Um dos diversos registros de notabilidade é a quantidade de pessoas que estão envolvidas no acontecimento. De acordo com Golding e Elliot (1978), os jornalistas atribuem importância às notícias que dizem respeito a muitas pessoas. “Quanto mais elevado for o número de pessoas envolvidas num desastre ou quanto mais elevada for a presença de “grandes nomes”, maior é a notabilidade desses acontecimentos” (GOLDING E ELLIOT apud TRAQUINA, 2005, P. 83).

3.1.1.8 Inesperado

É muito comum ver o fator inesperado em várias listas de critérios de noticiabilidade. Esse valor é o que rompe a barreira do “normal” e cotidiano, que surpreende a expectativa da comunidade jornalística. O inesperado é aquela notícia que temos a expressão “Uau, que história!”, isto é, um mega acontecimento inesperado que muda a rotina de uma cidade e que deixa a sala de redação na loucura. Um exemplo desse valor que perfeitamente se encaixa aqui é a morte de alguma figura importante ou uma massacre em massa, que mesmo não sendo pessoas reconhecidas como figuras públicas, ainda sim é classificado como atribuição a várias pessoas, como vimos no critério anterior.

3.1.1.9 Conflito ou controvérsia

Conflitos políticos estão sempre em alta nos jornais do país, e claramente ele é classificado como um dos critérios de noticiabilidade de Traquina. Isto é a violência física ou simbólica, como a disputa verbal entre líderes políticos (TRAQUINA, 2005, p. 84). A presença da violência física está atrelada ao critério do inesperado, exemplifica a quebra do normal. Na política, isso certamente representa a quebra do normal. Se você reparar, se tiver luta física e verbal, o que vai ser noticiado e passar nos veículos de televisão certamente vai ser a luta física em vez da luta verbal. Para Traquina (2005), o uso da violência marca a distinção entre os que são fundamentalmente da sociedade e os que estão fora dela.

Esse valor-notícia de violência, já abre espaço para o critério da infração. “Por infração refere-se sobretudo a violação, a transgressão das regras. Assim podemos compreender a importância do crime como notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 85). Hoje, o crime já é considerado como parte da rotina da sociedade, o que o torna recorrente e observado por grande parte dos veículos de notícia como corriqueiro. Um crime que recebe atenção especial é o que envolve mais pessoas ou o que seja mais violento, sendo assim, equivale a maior noticiabilidade.

3.1.2 Valores-notícia de seleção – critérios contextuais

3.1.2.1 Disponibilidade

O primeiro valor-notícia nesse subgrupo dos critérios contextuais, é a disponibilidade, ou seja, a facilidade com que se faz a cobertura da história, fato e/ou acontecimento. Uma das questões que rondam esse critério, são os meios que a cobertura jornalística exige para que esse acontecimento seja coberto. Levando em consideração que nem sempre haverá jornalistas disponíveis para estarem em todos os lugares ao mesmo tempo, se pergunta se o valor-notícia desse acontecimento justifica esse esforço que poderá ser feito de desfaltar outra equipe ou deixar de cobrir outra notícia.

3.1.2.2 Equilíbrio

Diversas vezes já encontramos a mesma notícia em muitos lugares diferentes ou até no mesmo jornal/portal de notícias. É nessa parte que é fundamental o equilíbrio.

A noticiabilidade de um acontecimento pode estar relacionada com a quantidade de notícias sobre este acontecimento ou assunto que já existe ou que existiu há relativamente pouco tempo no produto informativo de uma empresa jornalística. Assim, devido ao valor do equilíbrio, o jornalista ou a empresa jornalística poderá racionalizar da seguinte maneira: “Não tem valor-notícia porque já demos isso há pouco tempo”. (TRAQUINA, 2005, P. 89)

Sendo assim, o jornalista tem total liberdade e discernimento para descartar uma notícia se ele julgar repetitiva e com pouco valor-notícia. Mas isso não impede que ele possa futuramente escrever uma nova notícia com o mesmo tema, mas atualizando os fatos novos.

3.1.2.3 Visualidade

Este fator é altamente importante para os meios de comunicação televisivos. A visualidade trata-se de imagens, seja foto ou vídeo, que ilustre a notícia que você está querendo dar. No telejornalismo, é um fator fundamental. As perguntas que se

fazem é se há imagens com qualidades boas para serem divulgadas? A existência de um material com imagens boas pode ser decisivo para a escolha desse acontecimento como notícia. Por exemplo, se o jornal fala que houve um desabamento de um prédio em determinada zona da cidade e não tem imagens para retratar, o telespectador se pergunta na veracidade dessa informação e o porquê de ela estar sendo passada em um jornal que é rotineiro de imagens. Este fator de noticiabilidade ajuda a explicar melhor sobre os desastres no jornalismo televisivo (Gans, 1979).

3.1.2.4 Concorrência

A concorrência sempre esteve ligada a tudo que fazemos quando se trata do jornalismo. Quando acontece algo importante, os veículos de imprensa disputam entre si qual vai noticiar mais rápido ou em primeira mão. Toda a empresa tem concorrentes, mas cada empresa tem um concorrente master, como chama Traquina (2005), concorrente de estimação. Por exemplo, na cidade de Porto Alegre, existe o jornal Zero Hora que é diretamente ligado ao concorrente Correio do Povo. Já na televisão, podemos citar o exemplo de emissoras de TV, onde a Globo News é concorrente direta da CNN.

[...] a procura do “scoop” (o “furo”) é uma lógica que intensifica a natureza concorrencial da atividade jornalística. Escreve Bourdieu (1997:16): “O mundo dos jornalistas é um mundo dividido em que há conflitos, concorrências, hostilidades”. (TRAQUINA, 2005, p. 89)

As empresas jornalísticas sempre buscam ter o que o outro não tem, assim se faz o furo de reportagem. Mas outro comportamento muito visto pelos observadores, é que eles procuram sempre ter o que os outros têm. Seguindo essa lógica, temos o fenômeno que já citamos anteriormente, chamado “*pack journalism*”, a famosa matilha dos jornalistas que seguem uns aos outros. Pois antes não ter um furo de reportagem do que não ter nenhuma notícia sobre o acontecimento. Para ser o primeiro a ter algo, o jornalista está disposto a tudo, assim eles se copiam mutuamente e desafiam a si mesmos para ultrapassar os outros, fazer primeiro e fazer melhor, assim eles acabam fazendo tudo a mesma coisa.

3.1.2.5 Dia noticioso

E chegamos ao nosso último valor notícia dos critérios contextuais, que é o dia noticioso. Como já citamos acima, nem todo dia é um dia que terá notícias que serão relevantes de critérios de noticiabilidade. O autor Traquina (2005) traz o exemplo do mês de agosto em Portugal, onde acontece a chamada “silly season”, que quer dizer temporada da bobagem. Nele, fontes habituais de notícias estão em férias, assim aqueles acontecimentos com pouca noticiabilidade conseguem um lugar de destaque em meio as páginas de jornal.

Um acontecimento planejado, como uma conferência de imprensa do Presidente da República, pode ter o azar de ter lugar no dia em que explode um “mega-acontecimento” (como a queda da Ponte de Entre-Rios, a descoberta do assassinato dos seis empresários portugueses no Brasil, ou o ataque contra as torres do World Trade Center), e ser esmagado pela concorrência inesperada desse “mega-acontecimento”. (TRAQUINA, 2005, p. 90/91).

3.1.3 Valores-notícia de construção

Como valores-notícia de construção entende-se a **simplificação**. A lógica é que quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e da complexidade, mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida (TRAQUINA, 2005, p. 91). Quando se lê uma notícia de difícil interpretação, raramente o leitor segue na leitura e assim, conseqüentemente, procura outro portal ou jornal para ler. Quando a notícia está limpa e de fácil compressão, utilizando de palavras do cotidiano, mais fácil é de ser aprovado e ser publicado. Segundo Traquina (2005), os jornalistas têm a obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender, por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento.

Outro valor notícia apontado por Traquina é a **amplificação**, que já foi identificada na lista de Galtung e Ruge (1965). Esse valor tende a exemplificar que quanto mais amplificado é o acontecimento, mais possibilidade da notícia ser lida, notada e compartilhada entre as pessoas. Pode ser pela amplificação do ato, consequências ou intervenções. Assim, podemos ler expressões deste valor-notícia

no seguinte título que atestam para a presença do valor-notícia da amplificação: “Brasil chora a morte de Senna” (TRAQUINA, 2005).

Igual temos nos valores-notícia de seleção a **relevância**, também temos ela aqui nos critérios de construção. A relevância se explica no sentido de quanto mais lógica a notícia dá ao acontecimento, mais chances da notícia ser notada pelos outros. Cabe ao jornalista tornar esse acontecimento relevante na forma de escrever e contar o fato. Como damos no exemplo anterior, quando se trata da liberação da posse de arma, cabe ao jornalista mostrar de que forma esse acontecimento impactaria a vida das pessoas.

A **personalização** é marcada como outro valor-notícia de construção. Segundo Galtung e Ruge, Ericson, Baranek e Chan, quanto mais personalizado é o acontecimento, ou seja, mais valorizado é a pessoa que está envolvida, mais chances dessa notícia ser notada entre outras. Isso facilita a identificação do “negativo” ou “positivo”. Alguns autores escrevem essa personalização como um elemento chave para que pessoas não inseridas na cultura jornalística consigam entender e ser agarrados por essa leitura, que se torna fácil e atrativa.

Outro valor-notícia identificado por Traquina (2005) é o de **dramatização**, que também consta na lista de Ericson, Baranek e Chan. Nesse quesito, o chamado sensacionalismo está muito presente, como uma forma de serem relatos melodramáticos de assuntos do dia-a-dia. Ele apela para o lado emocional da vítima e do telespectador/leitor. Um claro exemplo disso na nossa televisão brasileira é o programa da Record TV, Balanço Geral, onde é transmitido notícias com critérios de noticiabilidade válidos, mas com uma condução melodramática.

E por fim, chegamos ao critério da **consonância**, que funciona da seguinte forma: “quanto mais a notícia insere o acontecimento numa “narrativa” já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada” (TRAQUINA, 2005, p. 93). Isso quer dizer que a interpretação da notícia deve ser num contexto conhecido, pois implica na inserção do contexto em que o leitor já conhece ou já sabe.

4 METODOLOGIA

Neste item serão apresentados os aspectos metodológicos que serão utilizados para a construção da análise de dados do presente trabalho.

4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo possui caráter monográfico de natureza qualitativa, pois propõe uma análise crítica do objeto de estudo. Parte-se, assim, do estudo e observação daquilo que já foi produzido, sendo o foco analítico construído a partir de um estrato intencional e direcionado.

A pesquisa de natureza qualitativa não se atrela à quantidade numérica, mas, sim, ao aprofundamento e compreensão do objeto de estudo escolhido. O método qualitativo busca explicar o porquê das coisas examinadas, criando assim categorias únicas para a confirmação ou não das hipóteses levantadas anteriormente.

Na presente pesquisa, utilizar-se-á a Análise de Conteúdo como ferramenta de análise, proposta por Laurence Bardin. Segundo Bardin (2011, p. 146) o que caracteriza a análise qualitativa é “o fato de a ‘inferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual’”. Na análise de conteúdo, Bardin (1977, p.41) explica que é necessário interpretar e “compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem”, ou seja, buscando decifrar mensagens e significados através da natureza sociológica, psicológica, política, histórica, entre outras.

Primeiramente conhecida como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON apud BARDIN, 2009, p.20), a metodologia de análise de conteúdo passou por uma importante evolução com o passar dos anos. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo é considerada um conjunto de métodos de análise das comunicações. Esse método nasceu no início do século XX, nos Estados Unidos, e surgiu como forma de analisar os textos jornalísticos produzidos no país. Um dos fatores que influenciou a criação desse tema, obviamente foi a Segunda Guerra

Mundial, onde os departamentos políticos do governo americano deram carta branca aos analistas para descobrirem e divulgarem possíveis meios de comunicação, como jornais e revistas que estivessem sendo suspeitos de propaganda nazista nos seus textos. Alguns anos depois, essa análise evoluiu para o campo das Ciências Humanas, como a Psicologia e Sociologia.

Em consequência das mudanças que o método teve durante os anos, ele deixou de ter um caráter estritamente descritivo e passou a ter uma função de analisar o que está inserido no contexto jornalístico. Esse método de pesquisa busca identificar perspectivas em relação à construção de mensagens, segundo Bardin (2009), procurando evidenciar as condições de produção dos textos:

A Análise de Conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens. [...] A intenção da Análise de Conteúdo é a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 2009, p. 38)

Assim como citado, essas inferências apresentadas pelo autor têm como objetivo responder duas questões: 1) o que conduziu o autor do texto a um determinado enunciado; e 2) quais as consequências que este enunciado deverá provocar. Portanto, produzir essas inferências quer dizer fundamentar a teoria previamente estabelecida e identificar situações de acordo com o contexto social e histórico do que nos submetemos a analisar. No caso deste trabalho, no período selecionado citado anteriormente.

O método de análise de conteúdo demanda que o primeiro passo a ser dado seja a exploração do material de estudo. Alguns especialistas recomendam que essa pesquisa seja feita em paralelo a quando os dados estão sendo extraídos, devido ao número elevado de informações a serem coletadas e analisadas. Para Enise Barth Teixeira (2003) o processo ideal para análises qualitativas seria:

(...) processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado. Esse processo é complexo, não-linear e implica um trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que se inicia já na fase exploratória e acompanha todo o ciclo da investigação (TEIXEIRA, 2003. p. 194).

O problema motriz deste estudo é buscar entender como o portal G1 elegeu a veiculação de notícias relacionadas a Suzane Von Richthofen e interpretar quais

foram os critérios de noticiabilidade que o portal de notícias G1 utilizou para veicular os acontecimentos relacionados a Suzane no período de 1º de setembro de 2021 até 1º de setembro de 2022. Este estrato temporal, portanto, compõe nosso corpus de análise. Como **critérios de noticiabilidade**, utilizaremos como referência os conceitos apresentados por Nelson Traquina (2005), abordados no capítulo anterior. A fim de focalizar nossos esforços de observação do corpus proposto e compreendendo que não seria possível dar conta de todos os critérios propostos pelo autor, propõem-se *categorias de análise* construídas a partir desses critérios. As categorias serão apresentadas ao final do presente capítulo. A escolha do intervalo temporal para a delimitação do corpus de análise se dá pelo fato de que já se passaram 20 anos desde o acontecimento e os consequentes desenvolvimentos, revelações e conclusões acerca dos homicídios. Ainda sim, nota-se que Suzane Von Richthofen continua nas manchetes de diversos canais de notícias.

A escolha pelo portal de notícias G1 se deu através da constatação que o G1 é o principal portal de notícias e um dos mais acessados do Brasil. Criado em 2006, o G1 é um portal atualizado em tempo real 24 horas por dia, sete dias por semana. O site conta com uma enorme quantidade de fontes, que dão ainda mais credibilidade e agilidade na entrega do serviço ao usuário, sendo elas Globo News, Rede Globo, Valor Econômico, Extra, revistas Época, Globo Rural, entre outros. Além do serviço através da escrita, o portal também conta com *podcasts* e vídeos que complementam as matérias. Essas mídias, quando vinculadas aos jornais locais, podem ser também assistidas através da plataforma de streaming Globoplay.

A partir da seleção do intervalo de busca por dados (1º/09/2021 até 1º/09/2022), fez-se uma pesquisa na ferramenta de busca disponibilizada no portal G1 com o termo “Suzane Von Richthofen”. A partir desta pesquisa, chegou-se ao resultado de um total de 10 publicações associadas ao termo. Entende-se que, uma vez que o crime ocorreu há 20 anos e todas informações sobre seus desdobramentos já foram devidamente noticiadas pela mídia e órgãos responsáveis, a relevância dessas notícias mais recentes representam um material rico a ser analisado para os fins da presente pesquisa.

Para fins de análise do corpus, propomos, embasados nos critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005) apresentados no capítulo anterior, as seguintes categorias:

Extraordinário: baseado nos critérios de Traquina (2005), essa categoria de análise se refere como o valor que rompe a barreira do fato corriqueiro e cotidiano. Isto é, acontecimentos que podem gerar desdobramentos com maior abrangência, podendo gerar interferências na previsibilidade do fluxo cotidiano. Para fins do presente estudo, consideraremos como extraordinário as notícias que trouxerem informações novas sobre o caso de Suzane Von Richthofen. Vale lembrar que essa categoria não precisa necessariamente envolver uma figura pública para se tornar noticiável, como observamos nos critérios apresentados anteriormente por Traquina (2005). Bastou ele sair da rotina e ter uma narrativa extraordinária.

Relevante: Classificamos a Relevância como um dos critérios indispensáveis na construção da notícia, pois é ela que dá o sentido da notícia. Para que algo vire notícia, ela no mínimo deve ter ativos informativos que vão impactar a vida das pessoas de alguma maneira. Colocando em outras palavras, a relevância é o critério responsável por decidir se essa notícia tem valor o suficiente para impactar o cotidiano do ouvinte. Trazendo para o caso Suzane Von Richthofen, seria então o papel do jornalista mostrar ao leitor o porquê a pauta “Suzane” ainda é tão importante discutir em sociedade.

Cotidiano: Por último, propomos a categoria Cotidiano, onde classificamos como “fatos que fogem dos critérios de noticiabilidade”, e que tratam de assuntos pouco relevantes, consistentes ou informativos; pouco noticiosos, portanto.

5 ANÁLISE

Dito isso, agora daremos prosseguimento às análises de 10 notícias encontradas no período de 1º de setembro de 2021 até 1º de setembro de 2022, contemplando assim, 20 anos após o caso e com notícias recentes. Todas elas foram retiradas do portal de notícias da Globo, G1. Para melhor organização e apresentação das análises, optamos por dividir nas três categorias propostas acima, começando por relevante, seguindo de extraordinário e por fim, cotidiano.

As notícias serão apresentadas de forma cronológica em cada categoria, começando da mais antiga até a mais recente registrada dentro do período, e separadas por figuras de cada manchete. A apresentação se dará na seguinte ordem: primeiro, a manchete; segundo, o *print* da manchete; terceiro, o *link* de acesso; e, por último, o texto de análise em si.

5.1 Categoria Relevante

- “Caso Richthofen: quase 20 anos depois, como estão os condenados retratados em filme pela morte do casal Manfred e Marísia?”⁷

Figura 2 - Print notícia 03/10/2021



Fonte: Portal g1, 2021

⁷ Link de acesso: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/10/03/caso-richthofen-quase-20-anos-depois-como-estao-os-condenados-retratados-em-filme-pela-morte-do-casal-manfred-e-marisia.ghtml>

Essa notícia, publicada pelo portal g1 no dia 03 de outubro de 2021, foi classificada como relevante pelo fato de informar como estão os condenados do caso após 20 anos. O motivo pelo qual o assunto retorna é o lançamento de dois filmes baseados no crime de Suzane e irmãos Cravinhos: “A menina que matou os pais” (Mauricio Eça, 2021), e “O menino que matou meus pais” (Mauricio Eça, 2021). Um dos trechos que podemos destacar a relevância da notícia é onde o portal apura notícias em que Suzane foi flagrada em uma festa de casamento em uma das suas “saidinhas” em 2018 e, com isso, foi levada de volta ao presídio.

Apesar de ter bom comportamento, ela foi levada de volta para a prisão após ser flagrada em uma festa de casamento durante a saidinha do Natal, em 2018. O fato ocorreu por ela não estar no endereço informado à Vara de Execuções Criminais ao receber o benefício - pelas regras, ela deveria seguir do presídio para a cidade onde declarou residência - na época, Angatuba, onde o noivo mora” (Portal g1)

A matéria ainda divulga como estão os irmãos Cristian e Daniel Cravinhos. Segundo o portal, Daniel, que era namorado de Suzane na época do crime, casou-se e cumpre pena no regime semiaberto desde 2018 por bom comportamento. Já Cristian acabou se envolvendo em outras questões que somaram ainda mais tempo à pena dele perante a justiça, onde fica evidenciado no trecho:

Ele foi preso e denunciado por supostamente agredir uma mulher em um bar em Sorocaba (SP) e também ter sido flagrado com uma munição de uso restrito. Na época, PMs que atenderam a ocorrência declararam que o réu chegou a oferecer dinheiro para não ser preso e não perder o benefício do semiaberto que havia conseguido meses antes. (Portal g1)

Ao analisar, podemos perceber que essa matéria tem o intuito de contextualizar e atualizar os fatos no entorno do trio homicida. Desse modo, a matéria informa ao público como estão os envolvidos no assassinato após 20 anos do ocorrido. E, como Traquina (2005) cita em seu estudo sobre os critérios de noticiabilidade, cabe ao jornalista mostrar o porquê essa notícia é importante para ser publicada. Neste caso, é apelando ao lado curioso e também atrelado a novidade, pois como o crime repercutiu nacionalmente e até internacionalmente, as pessoas que acompanharem de perto o desenvolver da investigação e da narrativa, ficam curiosas para saber, hoje, 20 anos depois do assassinato, como se encontram os criminosos. A curiosidade é um ótimo fator notícia para que o indivíduo se

interesse por aquela notícia a ponto de acessá-la e conferir as novidades dos citados.

- “É #FAKE que g1 publicou matéria dizendo que Suzane von Richthofen pediu votos para Lula”⁸

Figura 3 - Print notícia 04/04/2022



Fonte: Portal g1, 2022

No dia 04 de abril de 2022, circulou na internet a notícia de que o portal g1 publicou uma matéria dizendo que Suzane pediu votos para o então candidato à eleição presidencial, Luiz Inácio Lula da Silva. Logo no início da matéria, o g1 já desmente e diz que isso se tratava de uma montagem com o mesmo design das notícias do portal.

A imagem com o título "Na faculdade, Suzane von Richtofen incentiva jovens a regularizar o título de eleitor e declara voto em Lula" é uma montagem. Nenhuma matéria com esse título e conteúdo foi publicada pelo g1. (Portal g1)

O texto também diz que não era a primeira vez que envolviam o nome de Suzane ao do Partido dos Trabalhadores, e explica que, em 2019, uma publicação na rede social Facebook afirmava que ela teria sido recepcionada "por ativistas dos

⁸ Link de acesso: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/04/04/e-fake-que-g1-publicou-materia-dizendo-que-suzane-von-richthofen-pediu-votos-para-lula.ghtml>

direitos humanos ao sair da prisão, entre eles a deputada Maria do Rosário (PT-RS)”⁹.

O fator determinante para a matéria ser classificada como relevante é, na nossa avaliação, que o texto opera no sentido de elucidar a sociedade sobre (mais) uma notícia falsa, a qual poderia contribuir de forma prejudicial à boa prática de democracia e do pleito eleitoral do país. O g1, através dessa matéria, portanto, age de forma ética, indo ao encontro a um dos pilares da prática de um jornalismo cidadão. Segundo Traquina (2005), a notícia se caracteriza por tudo aquilo que é importante e/ou interessante para a sociedade como um todo. Tal colocação corrobora nossa análise, fazendo com que a notícia se configure como valor-notícia, atuando em prol do interesse comum de todos.

- “É #FAKE foto de Lula com Suzane Richthofen”¹⁰

Figura 4- Print notícia 27/04/2022



Fonte: Portal g1, 2022

⁹ Link de acesso: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2019/05/10/e-fake-que-suzane-von-richthofen-foi-recebida-por-ativistas-dos-direitos-humanos-ao-sair-da-prisao.ghtml>

¹⁰ Link de acesso: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/04/27/e-fake-foto-de-lula-com-suzane-richthofen.ghtml>

O portal g1 divulgou uma notícia no dia 27 de abril de 2022 uma notícia onde dizia que era falsa a foto que estava circulando na internet sobre Suzane Von Richthofen estar com o então candidato à presidência do Brasil na época, Luiz Inácio Lula da Silva. Classificamos ela como relevante por se equivaler muito, em diversos aspectos, à matéria apresentada anteriormente. Como atesta Traquina (2005), uma das premissas do jornalismo é o compromisso com a verdade, e esta matéria justamente desmente a *fake news* e a mensagem falsa em que a legenda da foto transmitia. Em um trecho da matéria, o g1 explica em que contexto o nome de Suzane e o do presidente Lula se encontrava.

A mensagem falsa completa afirma que o ex-presidente se encontrou com Suzane, com quem conversou sobre o sistema penitenciário brasileiro e que fontes afirmam que Lula disse aos presentes: 'prender ela não vai trazer os pais de volta, ela é jovem e assim como eu merece uma chance.'
(Portal g1)

Ainda na publicação, o g1 mostra a foto verdadeira onde Lula está com a influenciadora Laura Sabino comparando e acusando a montagem feita. Tanto a defesa de Suzane como a assessoria de Lula negaram qualquer tipo de encontro envolvendo os dois. No corpo da notícia, também diz que não é a primeira vez que são desmentidas *fake news* envolvendo o nome dos dois. “O Fato ou Fake já desmentiu que o g1 publicou matéria dizendo que Suzane Von Richthofen pediu votos para Lula”, fazendo com que a matéria seja mais relevante ainda para o combate às notícias falsas.

5.2 Extraordinário

- “‘A menina que matou os pais’: Filmes sobre Suzane von Richthofen narram duas versões maçantes da mesma história; g1 já viu”¹¹

¹¹ Link de acesso: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2021/09/23/a-menina-que-matou-os-pais-filmes-sobre-suzane-von-richthofen-narram-duas-versoes-m/ acantes-da-mesma-historia-g1-ja-viu.ghtml>

Figura 5- Print notícia 23/09/2021



Fonte: Portal g1, 2022

Logo no início do recorte temporal feito para a análise dos dados da presente pesquisa, no dia 23 de setembro de 2021, foi publicada a notícia que aborda, como tema principal, os filmes que narram as duas versões do crime cometido por Suzane e os irmãos Cravinhos. Essa notícia foi classificada como extraordinária por romper, no nosso entender, a barreira do “normal”, o limite daquilo que seria esperado quando acompanhamos o desdobramento jornalístico de um caso de homicídio. Afinal, a proporção que o caso Richthofen tomou, no país, é tamanha que ele acabou gerando adaptações para o cinema ¹². Para Traquina (2005), o extraordinário trabalha, também, através do espanto. E nada mais espantoso do que perceber como um fato tão hediondo possa se converter em conteúdo ficcional. No nosso entender, eventos como esses revelam questões problemáticas que vão além do jornalismo em si, emoldurando um retrato pouco saudável da sociedade como um todo. Na matéria, o autor Cesar Soto, do g1, explicou que:

Os filmes, gravados ao mesmo tempo pela mesma equipe e elenco, têm a proposta de narrar as diferentes versões dadas pelos autores de um dos crimes mais infames do Brasil. Enquanto um segue o relato de Suzane von Richthofen, condenada em 2006 pelo assassinato de seus pais, o outro

¹² O caso de Suzane Von Richthofen ficou tão famoso, tanto na mídia, quanto no lado policial, que, além da adaptação para o cinema, o crime também foi contado em diversos livros que exploram o caso do assassinato, sendo uns dos mais famosos “Suzane assassina e manipuladora”, de Ulisses Campbell (2020), “Casos de família: Arquivos Richthofen e Arquivos Nardoni”, de Ilana Casoy (2016) e “Richthofen - o Assassinato dos pais de Suzane”, de Roger Franchini (2011).

retrata a história contada por Daniel Cravinhos, então namorado da jovem e também julgado como culpado. (Soto, 2021. Portal G1)

Soto faz uma análise crítica do filme, destacando inúmeros pontos negativos, fazendo com que, essa matéria em específico, pudesse espantar de certa forma o leitor. Contudo, ao olhar cinematográfico pode ser que tenha valor notícia, já olhando para como se fosse uma notícia jornalística, já nem tanto. E então, poderíamos entrar no fato, onde até Traquina (2005) citou em seus estudos, que o extraordinário pode facilmente “escorregar” para o sensacionalismo. As matérias de cunhos sensacionalistas tem o papel de apresentar as informações ao leitor de maneira tendenciosa, com o objetivo de causar certo impacto onde gere o interesse do indivíduo em consumir aquele conteúdo, o que também podemos chamar de “caça-clique”, termo adaptado do inglês ‘*clickbait*’, uma nova maneira do jornalismo moderno de atrair a atenção do leitor. Essas manchetes normalmente contém o mínimo de informação necessária, justamente para deixar o leitor curioso.

Essa prática fica bem evidente já no título da matéria, onde cita o termo Suzane Von Richthofen, que por si só já chama atenção, somado ao termo “maçante”, que instiga o leitor a querer saber o que seria essa narrativa maçante. A manchete se encontra com a menor informação adicional possível, assim o leitor só vai saber do que se trata quando clicar.

- “Após produções sobre Suzane von Richthofen, veja lista com 5 filmes brasileiros sobre crimes reais”¹³

Figura 6: Print notícia 05/10/2021



Fonte: Portal g1, 2022.

¹³ Link de acesso: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2021/10/05/apos-producoes-sobre-suzane-von-richthofen-veja-lista-com-5-filmes-brasileiros-sobre-crimes-reais.ghtml>

Ainda seguindo na mesma linha de filmes sobre crimes reais, essa notícia publicada no dia 05 de outubro de 2021 pelo g1 também é classificada como extraordinária. Contudo, essa matéria tem um viés diferente da primeira citada acima. Na manchete, eles citam o nome de Suzane Von Richthofen, mas logo passam por uma lista de filmes que envolvem crimes reais no Brasil. Analisando o contexto da matéria, nota-se que o nome de Suzane foi usado como uma forma de “isca” para os leitores acessarem a matéria¹⁴.

O termo extraordinário foi atrelado a essa notícia, pois ele mostra um comportamento que sai da rotina da sociedade, pois não é todo dia que você vê um filme retratando um caso real de assassinato. Para Traquina (2005), além do termo proposto “extraordinário”, também se encaixaria o critério “Inesperado”, que se baseia na reação surpresa do leitor, atrelada à morte de alguma figura importante ou um massacre em massa. Como citado no exemplo anterior, a evidência do termo caça-clique também é presente aqui, pois ele não cita quais são os filmes e sim, apenas o caso de Suzane, que dentre as várias menções em matérias publicadas em outros jornais e até no período de tempo analisado, pode ser considerado de cunho sensacionalista.

5.3 Cotidiano

- “VÍDEOS: Suzane Richthofen e Anna Jatobá deixam penitenciária para ‘saidinha’; Elize manda recado à filha: ‘Nunca vou desistir de você’”

¹⁴ *Clickbait*, que também é conhecida por caça-clique, é uma nova tática da internet para gerar cliques por meio de conteúdos sensacionalistas ou enganosos. Ele se refere a quebra da expectativa do usuário, que clica no link para ler determinado conteúdo, mas não é entregue, por desviar da proposta do título. O termo é associado como uma forma de “isca”, onde o usuário é fisgado e infelizmente se tornou uma prática muito comum no jornalismo de hoje, justamente para gerar cliques para os portais de notícias ou conteúdos.

Figura 7: Print notícia 23/12/2021



Fonte: Portal g1, 2022

No dia 23 de dezembro de 2021, o portal g1 publicou uma notícia em que mostrava o vídeo das três detentas mais famosas do país nos últimos tempos (Suzane Richthofen, Anna Jatobá e Elize Matsunaga), saindo da penitenciária onde cumprem pena, em Tremembé, São Paulo. Embora a matéria esteja citando as três, o foco em Suzane não ficou restrito às “saidinhas”, mas também à notícia de que ela estava frequentando a faculdade, como mostra o trecho:

Suzane na faculdade

Este ano, Suzane von Richthofen passou a cursar o ensino superior e a usar o transporte coletivo para se deslocar entre a prisão e a universidade onde cursa faculdade de biomedicina. Alunos e usuários do transporte público flagraram a presa embarcando em um ônibus em novembro. (Portal g1)

Conforme vimos anteriormente, as notícias classificadas como cotidiano são aquelas que normalmente fogem dos critérios de noticiabilidade e tratam de coisas menos relevantes, e/ou sem aparente valor informativo para a sociedade. Tratam-se de notícias que nada ou muito pouco agregam ao debate público sobre um determinado tema. Exemplos para tal categoria são as infundáveis notícias sobre as “saidinhas” de Suzane que sempre são noticiadas pelos veículos. Se, para ser notícia segundo Traquina (2005), um dos critérios primordiais é ter relevância, qual o tipo de relevância encontramos aqui nessa matéria?

- “Suzane Von Richthofen passa a usar transporte coletivo para ir à faculdade em Taubaté”¹⁵

Figura 8: Print notícia 16/11/2021



Fonte: Portal g1, 2022

A notícia publicada em 16 de novembro de 2021, em que Suzane passa a usar o transporte público para ir à faculdade em Taubaté, é um exemplo claro de notícias do cotidiano, mas sem muito valor noticioso. A matéria ainda conta com fotos de Suzane tiradas por usuários do transporte público que estavam ao redor. Podemos identificar, além do cotidiano, outro critério de noticiabilidade citado por Traquina (2005) e que consta na lista de Ericson, Baranek e Chan, que seria a dramatização. Esse conceito anda em uma linha tênue com o chamado sensacionalismo, que lida com relatos mais melodramáticos de assuntos do dia-a-dia, como identificamos no trecho “Segundo alunos ouvidos pela reportagem do g1, Suzane passou a ir e voltar de ônibus. Eles contam que ela usa o ponto próximo a universidade e que varia o horário dos coletivos” (Portal g1).

Em outra passagem, “Nos últimos anos, Suzane vinha tentando iniciar uma faculdade, mas sem sucesso”, podemos também identificar o apelo para o lado emocional do leitor. No primeiro, o relato de pessoas próximas à situação que viam Suzane usar o transporte público “normalmente”. O segundo, percebemos uma

¹⁵ Link de acesso: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2021/11/16/suzane-von-richthofen-passa-a-usar-transporte-coletivo-para-ir-a-faculdade-em-taubate.ghtml>

mensagem mais sentimentalista, como a que Suzane estava tentando iniciar uma faculdade, mas não obteve sucesso. Fora do critério dramatização/sensacionalismo, nos perguntamos onde que essa matéria se encaixaria para estar em destaque no portal de notícias. Entendemos que, nesses casos, o jornal se distancia da boa prática jornalística, e caminha em direção à ficcionalização de acontecimentos, e na construção de personagens a fim de meramente criar conteúdo com apelo de venda.

- “Suzane Richthofen, Anna Jatobá e Elize deixam presídio em primeira saída temporária de 2022”¹⁶

Figura 9: Print notícia 15/03/2022



Fonte: Portal g1, 2022

Aqui nos deparamos quase com o mesmo caso analisado acima. Em 15 de março deste ano (2022), Suzane, Elize e Anna Jatobá voltam a ser notícia pelas suas saidinhas temporárias. A matéria tem exatamente a mesma estrutura da anterior, mostrando um vídeo e fotos do momento da saída das três, com as informações de onde pegaram o carro e etc. Assim como a matéria do ano anterior, o foco maior foi em Suzane Richthofen, onde citaram que ela estava cursando faculdade depois de um pedido na justiça.

De acordo com Traquina, “geralmente tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto” (TRAQUINA, 2005, p.81). Levando em consideração que já havia

¹⁶ Link de acesso: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/03/15/suzane-e-anna-jatoba-deixam-presidio-em-primeira-saida-temporaria-de-2022.ghtml>

sido comentado exatamente a mesma coisa na matéria do ano anterior, o que de novo teria para voltar a falar do assunto de “saidinhas” e faculdade? Pensando assim, mais uma vez, entramos no universo do sensacionalismo, onde as notícias ganham mais valor e exposição do que deveriam ter.

- “Justiça autoriza Suzane Von Richthofen a fazer curso de informática nas férias”¹⁷

Figura 10: Print notícia 02/02/2022



Fonte: Portal g1, 2022

De acordo com a matéria publicada no dia 02 de fevereiro de 2022, Suzane foi autorizada pela justiça a fazer curso de informática básica nas férias. Tal inconsistência informativa, no nosso entender, classifica a notícia como cotidiana.

No corpo do texto, o g1 explica o motivo da detenta estar realizando o curso. Isto é, em termos de contribuição social, a matéria pouco acrescenta e acaba caindo no mesmo critério e análise da notícia anterior. No trecho, “Suzane vai frequentar aulas de “Formação Excel Básico ao Avançado”, e “Informática Básica: Windows, Word, Excel, PowerPoint e Internet””, podemos perceber que é listada tudo que Suzane irá fazer, como se fosse uma celebridade que o leitor acompanha o dia-a-dia na internet.

Para Marques (2006), esse tipo de comportamento se remete ao jornalismo de cunho sensacionalista, cuja uma das quatro características já apresentadas, é a

¹⁷ Link de acesso: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/02/02/justica-autoriza-suzane-von-richthofen-a-fazer-curso-de-informatica-basica-nas-ferias.ghtml>

de quando uma celebridade é noticiada pelo fato de ter algum novo namorado ou por sair de casa para ir ao shopping - fatos, sob nossa ótica, absolutamente irrelevantes para a sociedade. Então, podemos chegar à conclusão de que, além da matéria ser cotidiana, também pode ser entendida como sensacionalista, assim como descreve Marques (2006) e Traquina (2005).

- “Suzane von Richthofen deixa presídio em Tremembé para ‘saidinha’ temporária”¹⁸

Figura 11: Print notícia 13/09/2022



Fonte: Portal g1, 2022

Equiparando-se às outras duas notícias sobre as “saidinhas” de Suzane Von Richthofen, chegamos à notícia mais recente publicada no período de análise: a publicada no dia 13 de setembro de 2022. Nela, encontramos a mesma informação: a de que a detenta deixou o presídio para uma saída, e que retornará ao final do período imposto. Traquina (2005) é incisivo ao colocar que, para ser notícia, algo de novo deve acontecer e isso podemos ver no critério de noticiabilidade “Novidade”, proposto pelo autor. Nesse critério, Traquina cita que uma das maiores dificuldades dos jornalistas é encontrar uma justificativa nova para voltar a falar do assunto sem novos elementos ou informações. Analisando a matéria acima, podemos perceber desde o intervalo de tempo da anterior publicada sobre o mesmo assunto que é de

¹⁸ Link de acesso: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/09/13/suzane-von-richthofen-deixa-presidio-em-tremembe-para-saidinha-temporaria.ghtml>

seis meses, exatamente o mesmo texto, apenas alterando a informação do dia da saída.

Suzane von Richthofen deixou na manhã desta terça-feira (13) a Penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, em Tremembé (SP), para a chamada "saidinha" temporária. Suzane foi condenada por matar os pais em 2002. (Portal g1, 2022)

Traquina (2005) ainda acrescenta que “devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez” (TRAQUINA, 2005, p. 81). Contudo, não é a primeira vez que a mesma notícia está sendo veiculada pelo portal. Pensando assim, poderíamos classificar as notícias sobre as “saidinhas” de Suzane como produções de cunho sensacionalista, onde um mesmo tema é repetido inúmeras vezes em situações diferentes apenas para que chegue ao leitor como um relato melodramático de assuntos ligado, no caso, ao dia-a-dia de Suzane.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se originou a partir de uma observação em que o nome de Suzane Von Richthofen vinha sendo citado e noticiado não só em notícias que traziam relevância para o leitor - atreladas ao caso do hediondo assassinato -, mas também em situações consideradas fúteis, sensacionalistas. Portanto, nosso objetivo foi analisar dez matérias do portal de notícias g1, no período de primeiro de setembro de 2021 até primeiro de setembro de 2022, identificando quais seriam os critérios de noticiabilidade que o portal estaria publicando essas matérias, tendo em vista que o caso completou 20 anos este ano.

Ao longo do percurso desse projeto, foram estudados os critérios de noticiabilidade com base nos propostos Traquina (2005) e outros estudiosos. A partir desse embasamento teórico, propomos três novas categorias de análise (extraordinário, relevante e cotidiano) que contemplassem os principais fatores para uma notícia virar notícia. A pesquisa também debateu, no capítulo de revisão bibliográfica, os gêneros jornalísticos, e, em especial, o jornalismo policial, que por muitas vezes tende a pender mais para o lado tendencioso da notícia.

A partir do recorte temporal proposto e da análise de conteúdo realizada em cima das dez notícias envolvendo o nome de Suzane no período, duas matérias foram classificadas como extraordinárias, três como relevantes e cinco como cotidiano. Notou-se que, nas categorias extraordinário e cotidiano, o jornalismo sensacionalista esteve presente em vários momentos, com textos que caminham sobre a linha tênue que divide o conteúdo como contribuição social ou, no nosso entender, dispensável. De acordo com os estudos de Traquina, o nome de Suzane é noticiado como se fosse uma “celebridade”, onde todo e qualquer movimento detectado é noticiado, mesmo sem ter valor-notícia algum. Três das cinco matérias que compõem a categoria cotidiano, falam sobre as saidinhas temporárias de Suzane e isso vem se repetindo desde quando o direito foi concedido à ela perante a justiça. Isso nos leva a questionar qual a relevância ou necessidade que isso tem de ser noticiado, levando em consideração que essas matérias têm descrito exatamente as mesmas informações do que as anteriores, mudando apenas os horários e dias das saidinhas. Esse jornalismo tendencioso vem se tornando, infelizmente, cada vez mais corriqueiro, configurando-se como uma nova ferramenta de *caça-clique*. Para

nós, tal prática fere um dos principais não só o código de ética da profissão, mas principalmente os valores-notícia propostos pelos teóricos abordados neste trabalho. No nosso entender, tais valores-notícia deveriam se concentrar naquilo que possui relevância e compromisso em levar um bom jornalismo ao leitor; que se caracteriza por ter notícias atualizadas, verdadeiras, mas, acima de tudo, que tenham algum impacto na vida das pessoas que estão lendo.

Analisando a categoria relevante, percebemos que, mesmo as notícias encontradas serem relevantes de alguma forma, também estavam associadas a *fake-news*, que era o principal objetivo da matéria: desmentir a informação falsa que circulava. Tal constatação nos aponta como tal prática vem ganhando força nos dias atuais, em que nos encontramos cercados de notícias falsas por diversas plataformas. Notícias envolvendo as mais diversas temáticas e nomes, incluindo os daqueles que cometeram crimes. A produção e propagação de notícias falsas, além de possuir poder devastador na construção do pensamento crítico e embasado do cidadão, também flerta diretamente com o jornalismo sensacionalista. A pergunta que fica, portanto, é para onde o jornalismo está se encaminhando? Afinal, se, para virar notícia, basta o sujeito, por exemplo, ter direito a uma saidinha temporária, ou a realizar cursos de formação.

Finalizando a análise, foi possível identificar que o nome de Suzane é usado para gerar cliques para o site, amenizando, no nosso entender, a razão e o fato pela qual ela virou notícia pela primeira vez. Na era da desinformação em que estamos vivendo hoje, é crucial que tenhamos um jornalismo de boa qualidade e que se preocupe com pautas relevantes e bem verificadas. Acreditamos que o nome de Suzane Von Richthofen dificilmente sairá dos holofotes da mídia, por se tratar da pessoa que foi a cabeça pensante por trás do crime que chocou o Brasil. Infeliz e historicamente, esse tipo de notícia é algo que desperta curiosidade nas pessoas. Ao longo de nossas análises, também percebemos que, mesmo quando o nome dela aparece junto a outro - como o exemplo de Elize Matsunaga e Ana Carolina Jatobá -, é ela que acaba sendo a protagonista da matéria, de maneira que o leitor possa sempre lembrar o caso. Ou seja, o nome de Suzane está sempre em evidência, independente do assunto da matéria.

Entendemos que esse assunto pode se estender para outras abordagens de pesquisa, como, por exemplo, a análise do volume de cliques que matérias de cunho

sensacionalistas têm quando comparadas a outras notícias que, teoricamente, teriam maior valor-notícia quando se trata dos critérios de noticiabilidade de Traquina. Como a questão do jornalismo sensacionalista está em crescente expansão, esse é um projeto que poderia se estender por vários e longos outros direcionamentos. Outro ponto de partida para comparar a relevância que o nome de Suzane tem é analisar os critérios de noticiabilidade também em outros portais e plataformas de informação, e assim levantar o questionamento de porquê tal notícia é considerada relevante ao ponto de estar concomitantemente em mais de uma plataforma, ou como uma é abordada em uma em comparação a outra.

Estudar, compreender e discutir a relação da mídia com o nome de pessoas, sejam criminosos ou não, é uma abordagem que pode se estender por diversos ângulos. Entendemos que a construção de falsas celebridades ou mitos é responsabilidade (ou culpa) também da prática jornalística. Por isso, revela-se como um tema de importante discussão, e de constante investigação.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Rodrigo Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009: Tradução de Jaob A. Pierce.r
- ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José Marques. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom, São Paulo, v.39, n.01, p.39-56, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Fontes. 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279p.
- BARROS, Jordana Fonseca. **Definindo o que é notícia – um estudo sobre os Critérios de Noticiabilidade dos blogs de Juca Kfourir e Zeca Soares**. Intercom: Recife, 2011. Acesso em 09 de junho de 2022
- BOORSTIN, Daniel. **From News-gathering to News-making: A Flood of pseudo-events**. University of Illinois Press, 1971
- BRANCO, Alberto Manuel Vara. A ética e a informação: **O jornalista como profissional e o jornalista como pessoa**. 2009. Disponível em: <http://www.ipv.pt/forumedia/6/9.pdf>. Acesso em: 21 de setembro de 2022
- CORNU, Daniel; tradução Laureano Pelegrin. **Ética da comunicação**. Bauru, SP. EDUSC, 1998.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Intercom: 2005. Acesso em 10 de junho de 2022
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristovão: Editora UFS, 2005
- GENESINI, S. **A pós-verdade é uma notícia falsa**. *Revista USP*, São Paulo, n. 116, p. 45-58, 29 maio 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146577>. Acesso em: 02 outubro de 2022
- GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania: estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito dos cidadãos à informação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. 1ª. São Paulo: Editora Ática, 1986. 192

MARQUES DE MELO, José e ASSIS, Francisco de (orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. 1ª. São Paulo: Saraiva, 2012. 272p.

PEDROSO, Rosa N. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo no Brasil – após 1950**. São Paulo: Contexto, 2005.

RAIS, Diogo. **Fake News: A conexão entre a desinformação e o direito**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2018.

RAMOS, Roberto. **Roland Barthes: Semiótica, mídia e fait divers** in Revista Famecos, Porto Alegre: PUCRS, abril 2001, p. 119-127.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade. Estudos em Jornalismo Mídia**. Vol.II N° A - 10 Semestre de 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

TEIXEIRA, Enise Barth. **A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais**. Desenvolvimento em questão, v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional**. Florianópolis: Insular. Ed. 2, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são. Volume 1**. Florianópolis: Insular, 2005a.

TUCHMAN, Gaye. **"A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas"**, In: TRAQUINA, Nelson (ORG). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Veja, 1993.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença. 1999.

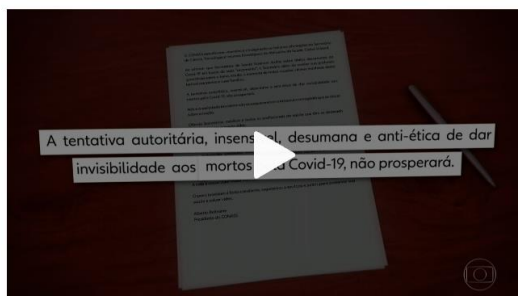
ANEXO A – NOTÍCIAS PUBLICADAS NO PORTAL DE NOTÍCIA g1

g1 - 06/06/2020 - 18h26

Após reduzir boletim diário, governo Bolsonaro retira dados acumulados da Covid-19 do site

Portal ficou 'em manutenção' e, ao retornar, deixou de exibir números consolidados. Com mudança, governo não informa mais o quadro total da pandemia em nenhuma plataforma.

Por Mateus Rodrigues, G1 — Brasília
06/06/2020 18h26 · Atualizado há 2 anos



Secretários de Saúde repudiam com indignação plano para recontar mortos pela Covid-19

O Ministério da Saúde retirou, do site oficial sobre a pandemia do novo coronavírus, os dados acumulados sobre o número de infectados e mortos pela Covid-19. Desde a tarde deste sábado (6), o portal exibe apenas os resultados das últimas 24 horas.

A mudança segue o mesmo protocolo que foi adotado para o boletim diário de divulgação. O documento, que trazia a atualização das últimas 24 horas e os números consolidados, foi divulgado na sexta (5) com menos informações.

Com a mudança, o governo Jair Bolsonaro tenta esconder que o Brasil já atingiu a casa de **35.456 mortes e 659.114 casos confirmados da Covid-19**. Os números foram tabelados neste sábado pelo **G1**, em um **levantamento exclusivo** junto às secretarias estaduais de Saúde.

Às 18h deste sábado, o portal oficial do Ministério da Saúde apresentava apenas os números reunidos até as 22h de sexta. Apenas nas 24 horas anteriores a esse boletim, foram registrados 30.830 novos contaminados e 1.005 mortos.

Em uma rede social, Jair Bolsonaro disse que "o Ministério da Saúde adequou a divulgação dos dados sobre casos e mortes relacionados ao covid-19." Mas, nem o presidente, nem o Ministério da Saúde informaram qual era o problema, do ponto de vista científico, da divulgação dos números totais.

Informações ocultas

O portal de divulgação dos dados da Covid-19 chegou a sair do ar na noite de sexta, e só voltou da "manutenção" por volta das 16h deste sábado.

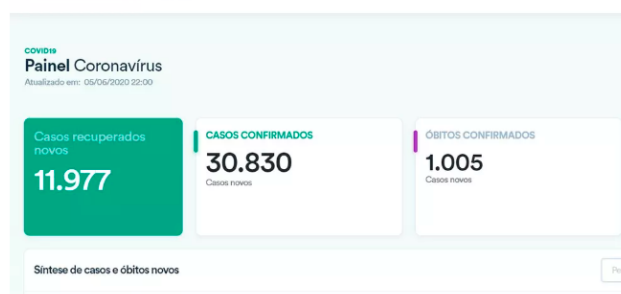
O **G1** identificou três mudanças principais no novo formato:

- os **números acumulados de contaminados e mortos** deixaram de ser divulgados;
- os **coeficientes de incidência de contaminação e óbitos** (ou seja, a taxa de infecção e de morte por 100 mil habitantes em cada estado) e a **taxa de letalidade da Covid-19** (ou seja, o percentual de contaminados que morrem por conta do vírus) também sumiram do site;
- a **ferramenta de download dos dados**, fundamental para análise estatística e pesquisa científica, não existe mais.

Compare, abaixo, as versões:

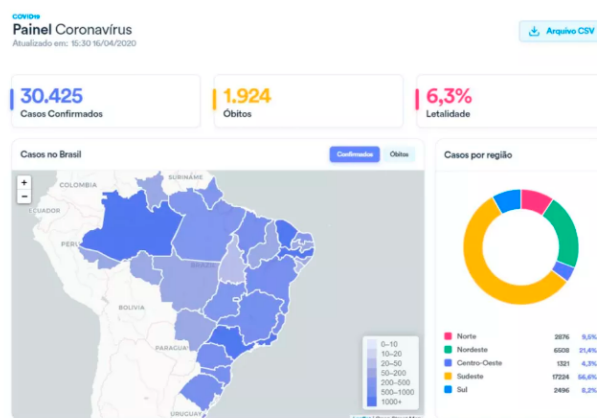
- **Site atual:** apenas com dados das últimas 24 horas

CORONAVÍRUS / BRASIL



Portal oficial do Ministério da Saúde em versão com menos dados, divulgada neste sábado (6) — Foto: Ministério da Saúde/Reprodução

- **Versão anterior:** com dados acumulados, distribuição regional, taxa de letalidade e botão para download dos dados em formato acessível, entre outras funcionalidades.



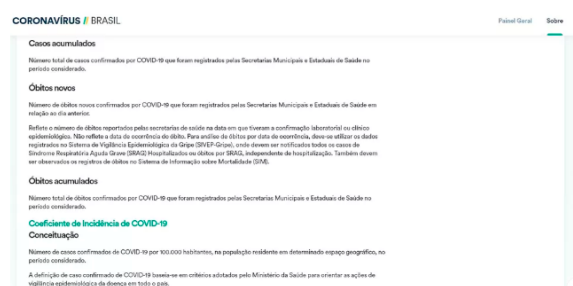
Versão original do portal do Ministério da Saúde sobre Covid-19, com dados acumulados — Foto: Ministério da Saúde/Reprodução

Apesar da mudança, até as 18h, o site ainda explicava ao usuário os conceitos de "casos acumulados", "óbitos acumulados" e dos coeficientes proporcionais – números que o governo passou a não divulgar.

O Ministério da Saúde define, por exemplo, que o coeficiente de mortalidade por Covid-19 poderia "contribuir para comparações nacionais e internacionais", além de "subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas de promoção, proteção e recuperação da saúde, concernentes à COVID-19."

Já a taxa de letalidade, segundo o próprio site, "dá a idéia de gravidade da doença, pois indica o percentual de pessoas que morreram dentre os casos confirmados da doença".

Apesar de apresentar as definições e indicar a importância de cada dado, o Ministério da Saúde não divulga mais os valores desses indicadores.



Glossário do Ministério da Saúde para dados da Covid-19 que, nesta sexta (5), o governo parou de divulgar — Foto: Ministério da Saúde/Reprodução

Boletim menor e mais demorado

Além de reduzir a qualidade da informação, o governo Jair Bolsonaro passou a divulgar os dados com atraso maior nesta sexta.

Até então, os números eram consolidados às 17h, a partir dos dados estaduais e do Distrito Federal, e divulgados até as 18h. O boletim era, inclusive, explicado em coletivas no Palácio do Planalto no fim da tarde.

Na última semana, os dados foram divulgados entre 21h30 e 22h. Questionado sobre a mudança, o presidente Jair Bolsonaro creditou a mudança à necessidade de obter dados mais consolidados. Ao mesmo tempo, afirmou: **"Acabou matéria do Jornal Nacional"**.

Apesar de apontar um motivo "técnico", o presidente da República não explicou por que, por mais de 70 dias, foi possível consolidar os dados mais cedo. E nem por que os números que são divulgados às 22h constam de uma planilha que atualiza dados até as 19h.

Em seguida, como faz habitualmente, Jair Bolsonaro criticou o jornalismo da Globo e acrescentou: "Ninguém tem que correr para atender a Globo".

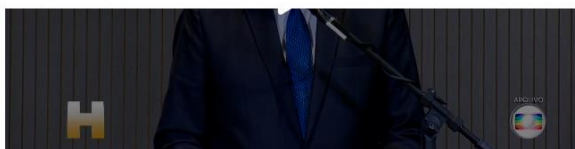
Sobre a declaração, a Globo divulgou a seguinte nota:

"O público saberá julgar se o governo agia certo antes ou se age certo agora. Saberá se age por motivação técnica, como alega, ou se age movido por propósitos que não pode confessar mais claramente. Os espectadores da Globo podem ter certeza de uma coisa: serão informados sobre os números tão logo sejam anunciados porque o jornalismo da Globo corre sempre para atender o seu público".



CONASS reage com indignação à declaração de que ministério está recontando mortos da Covid

A mudança na divulgação dos dados ocorreu depois que o **empresário Carlos Wizard** passou a "colaborar" com o governo. Ele não foi nomeado para cargo, mas tem participado de debates sobre o novo coronavírus.



CONASS reage com indignação à declaração de que ministério está recontando mortos da Covid

A mudança na divulgação dos dados ocorreu depois que o **empresário Carlos Wizard** passou a "colaborar" com o governo. Ele não foi nomeado para cargo, mas tem participado de debates sobre o novo coronavírus.

Foi de Wizard, por exemplo, a declaração de que haveria uma **recontagem do número de mortos** pela Covid-19, baseada na suspeita de que os estados estariam "inflando" os números para receber mais dinheiro. A informação foi revelada pelo **blog da Bela Megale, do jornal "O Globo"**.

Questionado sobre o novo formato do boletim, com dados omitidos, Wizard enviou à TV Globo uma nota que não trata do tema.

g1 – 03/10/2021 - 08h01

Caso Richthofen: quase 20 anos depois, como estão os condenados retratados em filme pela morte do casal Manfred e Marísia?

Filha deles, Suzane von Richthofen, arquitetou crime com namorado, Daniel Cravinhos, e o irmão dele, Cristian Cravinhos.

Por g1 Vale do Paraíba e Região
03/10/2021 08h01 - Atualizado há um ano



Caso Richthofen: de esquerda para a direita: Cristian Cravinhos, Suzane von Richthofen e Daniel Cravinhos, condenados a 30 anos pelo assassinato dos pais deles em 2002 — Foto: Arquivo/Carla Henrique Dias/G1; Luana Laming/TV Vanguarda (porcelano/TV 700)

Quase 20 anos depois, o caso Richthofen voltou a despertar a atenção ao ser retratado nos filmes **"A menina que matou os pais"** e **"O menino que matou meus pais"**. O assassinato do casal Manfred e Marisia Richthofen a pauladas chocou o país em 2002 pelo envolvimento da filha deles no crime.

De classe média alta, a família era descendente de nobres alemães por parte dele, que era engenheiro. Marisia era psiquiatra. Os dois foram mortos no dia 31 de outubro de 2002 pelos irmãos Daniel e Cristian Cravinhos a mando da filha do casal, Suzane von Richthofen. Inicialmente o caso foi tido como latrocínio, mas dez dias depois eles confessaram o crime.

A motivação fútil do crime foi porque Manfred e Marisia eram contra o namoro de Suzane e Daniel. Eles foram condenados a 39 anos de prisão e Cristian a 38 anos pelo crime.

Suzane von Richthofen

No regime **semiaberto desde outubro de 2015**, ela foi **autorizada pela Justiça** a cursar faculdade de biomedicina em uma universidade em Taubaté, cidade vizinha a Tremembé, no interior paulista, onde ela cumpre a pena. Na época do crime, ela tinha 18 anos e estudava direito.



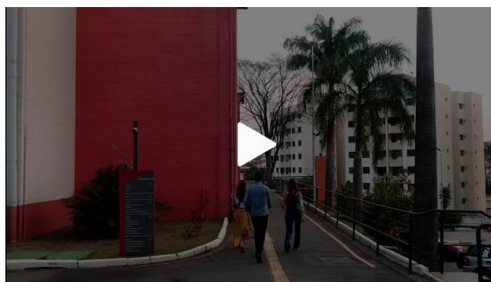
Carla Diaz interpretou Suzane nos filmes — Foto: Reprodução/Instagram e André Vieira/Marie Claire

Com o semiaberto, ela obteve o direito de estudar fora e também de deixar a penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier durante os períodos autorizados pela Justiça em datas conhecidas como "saidinhas", ligadas ao Dia dos Pais, Dias das Mães e no Natal, por exemplo.

Para o primeiro dia de aula, na última quarta-feira (29), ela mudou o visual com o qual foi vista na última saidinha. Agora ela exibe um cabelo mais curto (**veja vídeo abaixo**).

Na prisão, ela é tida como alguém que **"desperta paixões"** e em 2014 namorou com a detenta Sandra Regina Gomes, conhecida como Sandrão, que cumpre pena de 24 anos por sequestro.

- **Teste para aval à soltura de Suzane Richthofen indica detenta 'egocêntrica e narcisista'**



Suzane von Richthofen começa a frequentar faculdade com tornozeleira eletrônica em Taubaté



Suzane deixa penitenciária em Tremembé em setembro de 2021 para saidinha — Foto: Raissa Santos/TV Vanguarda

Após romper com Sandra, em 2017 ela conheceu Rogério Olberg, que visitava a irmã presa na mesma penitenciária que ela. Suzane chegou a ser noiva dele e ia para a casa dele em Angatuba (SP) durante as saidinhas pelo semiaberto.

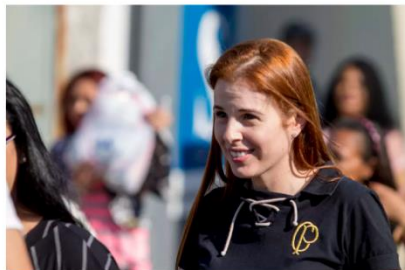
Ela chegou a ir a uma **igreja evangélica e dizer que gostaria de ser missionária**, segundo um pastor. O noivado terminou em 2020 e não houve mais nenhuma manifestação pública desse desejo dela.



Pastor Euclides Vieira com Suzane e o noivo Rogério Olberg (à esquerda) em Angatuba (SP) — Foto: Arquivo pessoal/Euclides Vieira

Apesar de ter bom comportamento, ela foi levada de **volta para a prisão após ser flagrada em uma festa de casamento** durante a saidinha do Natal, em 2018. O fato ocorreu por ela não estar no endereço informado à Vara de Execuções Criminais ao receber o benefício - pelas regras, ela deveria seguir do presídio para a cidade onde declarou residência - na

Após análise, a Justiça **reconsiderou a punição** e ela retomou o benefício. Além do filme, ela também foi **retratada em um livro**.



Suzane von Richthofen deixando a penitenciária feminina de Tremembé, no interior de São Paulo, em 11 de outubro do ano passado. — Foto: Marcelo Gonçalves/Signapress/Estadão

Daniel Cravinhos



À esq., Daniel Cravinhos com 21 anos, quando foi preso pela morte dos pais de Suzane von Richthofen; à dir., com 37 anos, foi a delegacia para liberar moto do irmão, Cristian. — Foto: Reprodução e jornal BelinúG1

Na época do crime ele tinha 21 anos e era aeromodelista. Ele conseguiu passar para o regime **semiaberto em 2013** e depois para o **aberto, em 2018**. Com isso, ele **cumprir o restante da pena em liberdade**.

Namorado de Suzane na época do crime, Daniel foi apontado como autor da execução do casal junto com o irmão. Ele cumpriu 16 anos de prisão e teve dois anos remidos da pena por ter trabalhado na cadeia com uma biomédica.

Em 2018 ele precisou **ir a uma delegacia liberar a moto do irmão** apreendida pela Polícia Militar após Cristian se envolver em uma confusão em um bar (**veja vídeo e leia mais abaixo**). Ele leva uma vida discreta ao lado da esposa.



Daniel Cravinhos vai a delegacia para liberar moto de Cristian apreendida pela PM

Cristian Cravinhos



Cristian Cravinhos foi preso em Sorocaba (SP) em 2018 — Foto: Carlos Dias/G1

Na época do crime ele tinha 26 anos. Além da condenação de 38 anos e seis meses pelo assassinato do casal Richthofen, o episódio da confusão em um bar resultou em **uma nova condenação** - somadas, elas são de 41 anos e 10 meses.

Ele foi preso e denunciado por supostamente **agredir uma mulher em um bar em Sorocaba (SP) e também ter sido flagrado com uma munição de uso restrito**. Na época, PMs que atenderam a ocorrência declararam que o réu chegou a oferecer dinheiro para não ser preso e não perder o benefício do semiaberto que havia conseguido meses antes.

Na detenção, Cristian teve faltas disciplinares. Em 2004, houve desobediência a servidor, que foi considerada "grave". Em 2008, a falta foi também desobediência, mas foi "leve".

Já no ano de 2013, ele teria entrado em cela alheia e dificultado a vigilância, mas foi absolvido. A última foi em abril de 2018 com o crime em regime aberto.

Em 2019 ele foi um dos biografados pelo também detento e escritor **Acir Filló, ex-prefeito de Ferraz de Vasconcelos (SP)**, que decidiu retratar em um livro de memórias os colegas de cárcere, famosos por crimes que ganharam repercussão.

Os biografados reclamaram e foi feita uma audiência no Departamento de Execuções Criminais (Decrim) em São José dos Campos (SP). Nela, Cristian Cravinhos esteve ao lado de:

- **Alexandre Nardoni**, condenado a 30 anos e dois meses de prisão pela morte da filha Isabella, em 2008;
- **Lindenberg Alves Fernandes**, condenado pelo cárcere e morte da namorada Eloá Pimentel;
- **Mizael Bispo de Souza**, acusado de matar a advogada Mércia Nakashima;
- **Gil Rugai**, que matou o pai e a madrasta, em 2004 em São Paulo;
- e **Guilherme Longo**, preso na Espanha, condenado pela morte do enteado Joaquim.

No livro de Acir Filló, um depoimento atribuído a Cristian Cravinhos diz que "depois que o casal Richthofen foi atacado, a Suzane foi ao quarto deles e desferiu golpes". O livro teve o **lançamento proibido pela Justiça**.



Alexandre Nardoni, Mizael Bispo de Souza, Gil Rugai, Cristian Cravinhos, Guilherme Longo e Lindenberg Alves em sala no Fórum de São José dos Campos — Foto: Hermine Lelis/TV Vanguarda

Em setembro de 2021 Cristian conseguiu na Justiça a redução em 149 dias na pena total de 41 anos e 10 meses por trabalhos prestados na prisão. Ele segue preso na Penitenciária 2 de Tremembé.



Os irmãos Cristian (esq) e Daniel Cravinhos, em foto de 23 de janeiro de 2006 — Foto: Vidal Cavalcante/Estadão Conteúdo/Arquivo

g1 – 04/04/2022 - 14h21

É #FAKE que g1 publicou matéria dizendo que Suzane von Richthofen pediu votos para Lula

Nenhuma reportagem sobre suposto apoio de Suzane ao ex-presidente foi publicada pelo g1. Imagem que circula em redes sociais é montagem.

Por Victor Farias, g1
04/04/2022 14h21 - Atualizado há 6 meses



Foto: Reprodução

Circula nas redes sociais imagem de reportagem com o design do g1 que diz que **Suzane von Richthofen** estaria pedindo que jovens regularizem o título de eleitor para votar no ex-presidente **Lula**, na eleição deste ano. É #FAKE.

FAKE

— Foto: g1

A imagem com o título "Na faculdade, Suzane von Richthofen incentiva jovens a regularizar o título de eleitor e declara voto em **Lula**" é uma montagem. Nenhuma matéria com esse título e conteúdo foi publicada pelo g1.

Condenada a 39 anos de prisão pela **morte dos pais**, atualmente Suzane cumpre pena em regime semiaberto e conseguiu fazer faculdade após obter nota no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Presa em Tremembé (SP), Suzane **faz biomedicina** em uma universidade particular na cidade vizinha Taubaté desde 2021.

Esta não é a primeira vez que o nome de Suzane é vinculado ao do PT em notícias falsas. Em 2019, uma publicação no Facebook afirmava que ela teria sido **recepcionada por ativistas dos direitos humanos ao sair da prisão**, entre eles a deputada Maria do Rosário (PT-RS). O texto e a imagem eram falsos.



É #FAKE que g1 publicou texto em que diz que Suzane Von Richthofen pede votos para Lula — Foto: Reprodução

Vídeo: Veja como identificar se uma mensagem é falsa



Como identificar se uma mensagem é falsa

g1 – 27/04/2022 - 20h43

É #FAKE foto de Lula com Suzane Richthofen

Imagem é uma montagem baseada em foto que ex-presidente tirou com outra pessoa. Assessoria de Lula e defesa de Suzane afirmam que a mensagem é falsa.

Por Roney Domingos, g1

27/04/2022 20h43 · Atualizado há 2 meses



Foto: Reprodução

Circula pelas redes sociais uma imagem que mostra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao lado de **Suzane von Richthofen** acompanhada de uma legenda que atribui a ele a frase: 'prender ela não vai trazer os pais de volta. Ela é jovem e assim como eu merece uma segunda chance'. É #FAKE.

FAKE

— Foto: g1

A mensagem falsa completa afirma que o ex-presidente se encontrou com Suzane, com quem conversou sobre o sistema penitenciário brasileiro e que fontes afirmam que Lula disse aos presentes: 'prender ela não vai trazer os pais de volta, ela é jovem e assim como eu merece uma chance.'

A imagem que circula em redes sociais mostrando Lula ao lado de Suzane é uma montagem. Na verdade foto original, o ex-presidente está ao lado

A imagem que circula em redes sociais mostrando Lula ao lado de Suzane é uma montagem. Na verdade foto original, o ex-presidente está ao lado da influenciadora Laura Sabino.





Imagem de Lula com Richtofen (à esq) é uma montagem baseada na foto com Laura Sabino (à dir) — Foto: Reprodução

Procurada, a assessoria do ex-presidente declara lamentar "que o bolsonarismo use da mentiras e de manipulações digitais para atacar o ex-presidente Lula."

A defesa de Suzane afirma que a mensagem é fake.

Não é a primeira vez que mensagens falsas relacionam o ex-presidente com Suzane. O Fato ou Fake já **desmentiu que o g1 publicou matéria dizendo que Suzane von Richthofen pediu votos para Lula**.

Em 2019, uma publicação no Facebook **também desmentida pelo Fato ou Fake** afirmava que ela teria sido recepcionada por ativistas dos direitos humanos ao sair da prisão, entre eles a deputada Maria do Rosário (PT-RS).

Condenada a **39 anos de prisão pela morte dos pais**, atualmente Suzane cumpre pena em regime semiaberto e conseguiu fazer faculdade após obter nota no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Presa em Tremembé (SP), Suzane faz **biomedicina** em uma universidade particular na cidade vizinha Taubaté desde 2021.



É #FAKE foto de Lula com Suzane Richtofen e que ele tenha pedido segunda chance a ela — Foto: Reprodução

g1 – 23/09/2021 - 06h00

'A menina que matou os pais': Filmes sobre Suzane von Richthofen narram duas versões maçantes da mesma história; g1 já viu

Projeto, que conta ainda com 'O menino que matou meus pais', tenta ousar ao retratar histórias contadas por Suzane e Daniel Cravinhos, mas tropeça em linguagem padronizada e pouco inovadora.

Por Cesar Soto, g1

23/09/2021 06h00 - Atualizado há um ano



Foto: Divulgação

Não é sempre que um filme tem duas oportunidades de contar uma história de forma ousada e surpreendente. 'A menina que matou os pais' e 'O menino que matou meus pais' infelizmente desperdiçam suas chances.

Os filmes, gravados ao mesmo tempo pela mesma equipe e elenco, têm a proposta de narrar as diferentes versões dadas pelos autores de um dos crimes mais infames do Brasil.

- **ENTREVISTA:** [Carla Díaz, diretor e roteirista explicam como filme se dividiu em dois](#)
- **VÍDEO:** [Relembre o caso Suzane von Richthofen, condenada por matar os pais em 2002](#)

Enquanto um segue o relato de **Suzane von Richthofen**, condenada em 2006 pelo assassinato de seus pais, o outro retrata a história contada por Daniel Cravinhos, então namorado da jovem e também julgado como culpado.

A ideia, com formato inicialmente ousado e raro, esbarra no entanto em roteiros poucos inspirados.

Ao dispensarem qualquer inovação narrativa e adotarem uma linguagem padronizada, apresentam retratos tão maçantes que dão poucas chances à dupla de protagonistas (**Carla Díaz** e Leonardo Bittencourt).

Depois de uma longa espera, aumentada pelo **adiamento causado pela pandemia**, os dois filmes estreiam ao mesmo tempo nesta sexta-feira (24) na plataforma digital Prime Video.



'Veja trailer 'A menina que matou os pais' e 'O menino que matou meus pais'

A outra face

Por mais frustrante que seja para quem esperava ver as produções nos cinemas, a **mudança para o serviço de vídeos** na verdade fortalece o projeto.

Afinal, com a possibilidade de maratona os dois filmes de uma hora e meia cada, ou até de pausar e analisar cenas complementares, o público pode montar uma narrativa um pouco mais empolgante.

No processo, também economiza dois ingressos – e a decepção de sair de uma sessão com a sensação de ver uma obra pela metade. Afinal, uma não funciona sem a outra.

Ambos seguem uma linha de tempo muito parecida. Começam pelo momento em que o casal se conhece e terminam no assassinato, e até dividem eventos marcantes, mas diferem completamente em relação ao desenrolar das situações.

Enquanto Suzane se coloca como influenciada por um jovem ciumento e possessivo, Cravinhos fala sobre uma namorada infeliz, manipuladora e potencialmente abusada pelo pai.

Retratos tão conflitantes poderiam criar uma narrativa rica e complexa, principalmente se fossem costurados de forma inteligente em um só roteiro que conseguisse expor os contrastes.

Mas, ao dividi-los como tramas fechadas, acaba diluindo a força existente nas enormes contradições.



Carla Diaz conta como foi viver Suzane Richthofen em duas versões

Público esquecido

Para piorar, a produção esquece que no cinema não há obrigação de imparcialidade – em especial se a ideia já era a de se basear em dois lados dos mais suspeitos.

A decisão de dar os mesmos espaço e oportunidade às duas versões é louvável, com durações e linguagens semelhantes nos dois filmes, mas não serve de muita coisa se a história contada já não era interessante para começar.

O relato de Cravinhos, base de "A menina que matou os pais", é francamente terrível. A primeira hora, focada na construção do relacionamento dos dois, parece mais um romance jovem comum, com pitadas de angústia adolescente que demoram tempo demais para serem esclarecidos.

Em momentos como estes, é como se o roteiro tivesse se tornado refém da proposta e se esquecido de sua função primordial: manter o público engajado.



Leonardo Bittencourt, Carla Diaz, Leonardo Medeiros, Vira Zimmermann e Kauan Caglio em cena — Foto: Divulgação

Reconstituição de luxo

Com uma base de sustentação tão frágil, chega a ser injusto avaliar o trabalho dos protagonistas.

Diaz (conhecida principalmente por trabalhos de sua infância, como "Chiquititas" e "O clone") e Bittencourt ("Malhação") até conseguem entregar versões bem distintas de seus personagens.

Mas, sem uma narrativa mais rica e complexa, ficam limitados a sombras caricatas carentes de nuances.

Com tudo isso, "A menina que matou os pais" e "O menino que matou meus pais" se tornam dois filmes de certa forma desperdiçados, que partem de uma iniciativa ousada mas se acomodam em um formato seguro.

Sua soma até daria uma bela reconstituição de luxo, digna de um grande episódio de "Linha direta". Faltou só lembrar que, no fim do dia, ainda eram produções de cinema.



Carla Diaz e Leonardo Bittencourt em cena — Foto: Divulgação

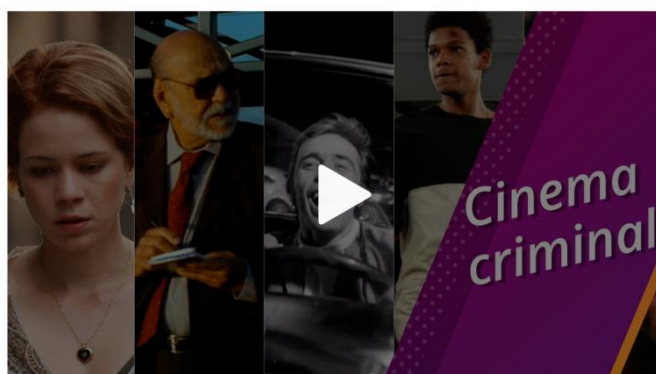
g1 – 05/09/2021 - 06h00

Após produções sobre Suzane von Richthofen, veja lista com 5 filmes brasileiros sobre crimes reais

Gostou de 'A menina que matou os pais' e 'O menino que matou meus pais' e quer mais histórias do gênero? G1 relembra filmes como 'O lobo atrás da porta' e 'Assalto ao banco central'.

Por G1

05/10/2021 06h00 - Atualizado há um ano



Semana Pop lembra cinco filmes brasileiros baseados em crimes reais

2023/04/16 10:11:11 - A LÚCIA FLÁVIO, O PASSAGEIRO DA AGONIA, TEM 45 ANOS

Desde que foram lançados no último dia 24 de agosto, os filmes "A menina que matou os pais" e "O menino que matou meus pais", sobre a história de Suzane von Richthofen e o assassinato de seus pais, aumentaram o interesse do público sobre produções baseadas em crimes reais.

Por isso, o **g1** preparou uma lista com cinco filmes brasileiros do gênero, que vão desde clássicos do cinema nacional a suspenses lançados nos últimos anos.

Veja abaixo:

'O Bandido da Luz Vermelha' (1968)



Paulo Villaça em cena de 'O Bandido da Luz Vermelha' — Foto: Sesc/Divulgação

Inspirado pelas ações de um dos criminosos mais famosos da história do Brasil, "O Bandido da Luz Vermelha" (1968), mais do um marco do cinema marginal, é um dos maiores clássicos brasileiros.

Dirigido por Rogério Sganzerla, o filme trazia Paulo Villaça como Jorge Acácio Pereira da Costa, que tinha sido preso um ano antes, depois de anos de investigações da polícia.

Conhecido por invadir mansões com sua lanterna vermelha e jeito espalhafatoso e sedutor, o personagem foi retratado por Ney Matogrosso anos depois na continuação, "Luz nas trevas: A volta do Bandido da Luz Vermelha" (2010).

'Lúcio Flávio, o passageiro da agonia' (1976)

Falando em clássico, vale lembrar de um dos melhores filmes nacionais de todos os tempos, "Lúcio Flávio, o passageiro da agonia" (1976).

Assim como "O Bandido da Luz Vermelha", talvez não seja um true crime assim dos mais encaixados no gênero, mas é impossível ignorar o filme de Hector Babenco, que conta a história não de um crime em específico, mas de um criminoso.

Lúcio Flávio, interpretado por Reginaldo Faria, foi uma das figuras mais famosas das páginas policiais nos anos 60 e 70, conhecido por assaltos a bancos e fugas espetaculares.

'Última parada 174' (2008)



Michel Gomes interpretou Sandro Barbosa do Nascimento em 'Última parada 174' — Foto: Reprodução

No ano de 2000, muita gente acompanhou ao vivo pela TV o sequestro do ônibus 174 no Rio de Janeiro. O caso ficou tão famoso que foi retratado em um documentário de José Padilha e no filme "Última parada 174", do diretor Bruno Barreto.

A produção de 2008 narra a história da vida do autor do crime, Sandro Barbosa do Nascimento, um sobrevivente de outro episódio terrível, a Chacina da Candelária. O sequestro mesmo ocupa os apenas últimos trinta minutos da produção.

Com o ator Michel Gomes, da novela "Nos tempos do imperador", como Sandro, o filme foi escolhido para representar o Brasil no Oscar, mas não conseguiu a indicação.

'Assalto ao Banco Central' (2011)



Lima Duarte faz o delegado Amorim no filme, um policial à moda antiga — Foto: Divulgação

Um dos assaltos a banco mais conhecidos da história do Brasil foi retratado em um filme com Lima Duarte e Eriberto Leão em 2011.

"Assalto ao Banco Central" conta a história do roubo realizado em 2005, em Fortaleza. Além do valor gigante, estimado em cerca de R\$ 164 milhões, o caso impressionou porque foi realizado através de um túnel, escavado ao longo de três meses.

'O lobo atrás da porta' (2014)



O filme "O Lobo Atrás da Porta" com Leandra Leal e Milhem Cortaz — Foto: Diego Cavalcante/Divulgação

Milhem Cortaz, que esteve no "Assalto ao Banco Central", mostra que é um grande fã do gênero ao retornar a ele em "O lobo atrás da porta".

O suspense é baseado livremente no caso real de Neyde Maria Maia Lopes. Em 1960, ela chocou o país ao ser presa pelo sequestro e assassinato da filha de 4 anos do homem do qual era amante.

No filme de Fernando Coimbra, a personagem principal se chama Rosa, e é interpretada por Leandra Leal.

g1 – 23/12/2021 - 08h20

VÍDEOS: Suzane Richthofen e Anna Jatobá deixam penitenciária para 'saidinha'; Elize manda recado à filha: 'Nunca vou desistir de você'

Benefício da 'saidinha' inicia nesta quinta-feira (23) e vai até o dia 3 de janeiro. Têm direito a ele os presos que cumprem pena no regime semiaberto.

Por g1 Vale do Paraíba e região

23/12/2021 08h28 - Atualizado há 11 meses



Suzane von Richthofen deixa penitenciária para saída temporária de fim de ano em Tremembé

As detentas **Suzane von Richthofen**, **Anna Carolina Jatobá** e **Elize Matsunaga** deixaram na manhã desta quinta-feira (23) a penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, em Tremembé (SP), para a chamada "saidinha" temporária de fim de ano.

- [Compartilhe esta notícia no WhatsApp](#)
- [Compartilhe esta notícia no Telegram](#)

Suzane foi **condenada por matar os pais em 2002**. Anna Carolina foi **condenada pela morte da enteada Isabella Nardoni** em 2008. Elize, que foi **condenada por matar e esquartejar o marido Marcos Matsunaga** em 2012, saiu com um papel em formato de coração e enviou um recado à filha, com a qual não tem contato por ela ser criada pela família paterna.

"Te amo minha filha. Nunca desistirei de você", disse ([veja vídeo abaixo](#)).



Elize Matsunaga manda recado à filha ao deixar penitenciária para 'saidinha': 'Te amo'



Anna Jatobá deixa penitenciária em Tremembé para 'saidinha' de fim de ano

O benefício inicia nesta quinta-feira (23) e vai até o dia 3 de janeiro. Têm direito a ele os presos que cumprem pena no regime semiaberto.



Suzane von Richthofen deixa penitenciária para saída temporária de Natal em Tremembé — Foto: Tiago Bezerra/TV Vanguarda



Elise Martins deixa penitenciária para saída temporária de Natal em Tremembé — Foto: Tiago Bezerra/TV Vanguarda



Anna Jacóbia deixa penitenciária em Tremembé para 'saindinha' de fim de ano — Foto: André Blas/TV Vanguarda

LEIA TAMBÉM:

- **Suzane von Richthofen passa a usar transporte coletivo para ir à faculdade em Taubaté**
- **Entenda como funciona a saída temporária de presos e o que está previsto na lei**
- **Caso Richthofen: quase 20 anos depois, como estão os condenados retratados em filme pela morte do casal Manfred e Marisia?**

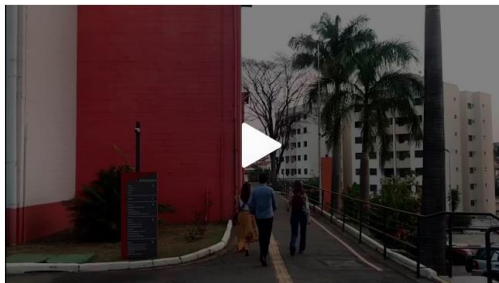
Esta é a quarta 'saindinha', como é chamado o benefício, no ano. As anteriores ocorreram em maio, junho e setembro. O calendário é determinado pelo Poder Judiciário e a saída é concedida a presos que apresentam bom comportamento, já cumpriram uma parte da pena e estão no regime semiaberto.



Baladeiras e mais: Suzane von Richthofen - condenada por matar os pais em 2003

Suzane na faculdade

Este ano, Suzane von Richthofen passou a cursar o ensino superior e a usar o transporte coletivo para se deslocar entre a prisão e a universidade onde cursa faculdade de biomedicina. Alunos e usuários do transporte público **flagraram a presa embarcando em um ônibus em novembro**.



Suzane von Richthofen começa a frequentar faculdade com tornozeleira eletrônica em Taubaté

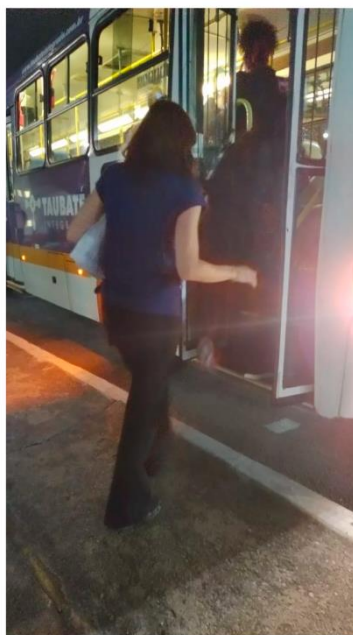
Suzane obteve autorização da Justiça em setembro para estudar fora da Penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, onde cumpre pena. Desde o início das aulas, a presa ia à universidade acompanhada por advogados usando carro de aplicativo na ida e na volta (*veja vídeo acima*), mas agora tem optado pelo transporte público.

g1 – 16/11/2021 - 08h46

Suzane von Richthofen passa a usar transporte coletivo para ir à faculdade em Taubaté

Detenta cumpre pena no regime semiaberto e teve autorização da Justiça em setembro para cursar biomedicina em uma universidade em Taubaté. Alunos e usuários do transporte flagraram a presa no coletivo.

Por g1 Vale do Paraíba e Região
16/11/2021 08h46 · Atualizado há um ano



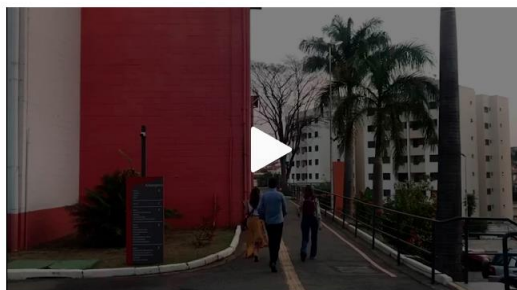
Suzane é flagrada em ônibus voltando da faculdade para prisão em Taubaté — Foto: Reprodução/O que podemos fazer para melhorar Taubaté

Suzane von Richthofen,

condenada a 39 anos por matar os pais, passou a usar o transporte coletivo para se deslocar entre a prisão e a universidade onde estuda o curso de biomedicina. Alunos e usuários do transporte público flagraram a presa embarcando em um ônibus na última semana.

- **Compartilhe esta notícia pelo Whatsapp**
- **Compartilhe esta notícia pelo Telegram**

Suzane cumpre pena no regime semiaberto e **teve autorização da Justiça em setembro** para estudar fora da Penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, onde cumpre pena. **Desde o início das aulas**, a presa ia à universidade acompanhada por advogados usando carro de aplicativo na ida e na volta, mas agora tem optado pelo transporte público.



Suzane von Richthofen começa a frequentar faculdade com tornozeira eletrônica em Taubaté

Segundo alunos ouvidos pela reportagem do **g1**, Suzane passou a ir e voltar de ônibus. Eles contam que ela usa o ponto próximo a universidade e que varia o horário dos coletivos.

A presa tem autorização para deixar a prisão às 17h para ir à aula e tem que retornar ao presídio até às 23h45.

Inicialmente, a detenta era monitorada por tornozeira eletrônica, mas a Justiça determinou que o equipamento fosse usado apenas por 30 dias, que já se esgotaram. Para basear a decisão, a Justiça apontou que ela já foi beneficiada por 24 saídas temporárias e em todas elas voltou à unidade.

Histórico

Suzane, que cumpre pena no regime semiaberto na P1 de Tremembé (SP), está entre os 263 presos de presídios do Vale do Paraíba que foram aprovados no Enem com a nota mínima **para concorrer às vagas diretamente nas faculdades**. Justiça determinou que o equipamento fosse usado apenas por 30 dias, que já se esgotaram. Para basear a decisão, a Justiça apontou que ela já foi beneficiada por 24 saídas temporárias e em todas elas voltou à unidade.

Histórico

Suzane, que cumpre pena no regime semiaberto na P1 de Tremembé (SP), está entre os 263 presos de presídios do Vale do Paraíba que foram aprovados no Enem com a nota mínima **para concorrer às vagas diretamente nas faculdades** ou por programas de incentivo estudantil do governo federal.

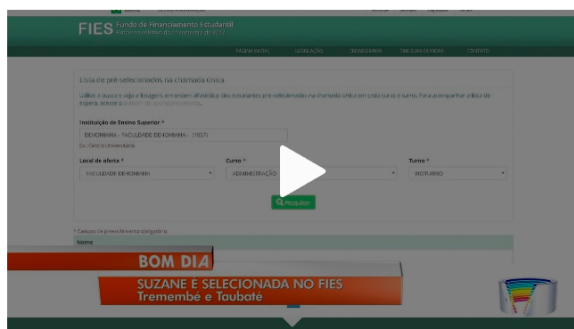
A presa obteve a progressão do regime fechado para o semiaberto em outubro de 2015 e desde então tem benefício a saídas temporárias. Ela também pode deixar a unidade para trabalhar ou estudar, mas depende de autorização da Justiça.

Tentativas frustradas

No últimos anos, Suzane vinha tentando iniciar uma faculdade, mas sem sucesso. Em 2020, ela **conseguiu uma vaga pelo Sisu** no curso de Gestão de Turismo, no Instituto Federal de Campos do Jordão (SP).

Suzane se matriculou, mas não chegou a cursar as aulas por **não ter sido autorizada pela Justiça** para deixar o presídio (veja vídeo da época

Suzane se matriculou, mas não chegou a cursar as aulas por **não ter sido autorizada pela Justiça** para deixar o presídio (veja vídeo da época abaixo).



Suzane Richthofen é selecionada no Fies para cursar faculdade católica

Em 2017, a presa foi aprovada **para o curso de administração em uma instituição católica** em Taubaté. Para custear a mensalidade, ela pleiteou o financiamento pelo Fies e foi contemplada. Apesar disso, não concluiu a matrícula.

Já em 2016, **a presa recebeu autorização** para cursar uma outra graduação. À época, ela tentava frequentar as aulas do curso de administração em uma universidade particular. Com medo do assédio fora da prisão, ela pediu à Justiça para fazer o curso online, mas por falta de recursos tecnológicos e aparato no presídio, teve o pedido foi negado.

g1 – 15/03/2022 - 08h46

Suzane Richthofen, Anna Jatobá e Elize deixam presídio em primeira saída temporária de 2022

Presas da Penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, em Tremembé, para saída temporária nesta terça-feira.

Por G1 Vale do Paraíba e Região
15/03/2022 08h46 - Atualizado há 8 meses



Suzane von Richthofen, Anna Carolina Jatobá e Elize Matsunaga deixaram a Penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, em **Tremembé (SP)**, para a chamada "saldinha" temporária. Elas deixaram o local quase simultaneamente na manhã desta terça-feira (15) na primeira saída temporária de 2022 *(veja o vídeo acima)*.

Suzane foi condenada por matar os pais em 2002. Anna Carolina foi **condenada pela morte da enteada Isabella Nardoni** em 2008.



Suzane Richthofen deixa penitenciária em Tremembé — Foto: Laurene Santos/TV Vanguarda

Suzane e Ana Carolina deixaram a penitenciária por volta das 8h, assim que foram abertos os portões da unidade. Suzane seguiu a pé até ruas próximas da penitenciária e, depois, saiu em um carro. Ana Jatobá foi recebida em um veículo.



Ana Carolina Jatobá deixa prisão em saída temporária — Foto: Laurene Santos/TV Vanguarda

Elize Matsunaga, condenada por matar e esquartejar o companheiro, saiu por volta das 9h. Ela mudou a cor do cabelo e segurava um livro do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Elize Matsunaga, condenada por matar e esquartejar o companheiro, saiu por volta das 9h. Ela mudou a cor do cabelo e segurava um livro do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).



Elize Matsunaga deixa prisão com livro de estudos para o Enem — Foto: Laurene Santos/TV Vanguarda

Assim como as outras detentas que também tiveram autorização para a "saidinha", as três usavam máscara de proteção contra o coronavírus.

Assim como as outras detentas que também tiveram autorização para a "saidinha", as três usavam máscara de proteção contra o coronavírus.

- **ENTENDA como funciona a saída temporária de presos e o que está previsto na lei**

O benefício é concedido a presos que apresentam bom comportamento, já cumpriram uma parte da pena e estão no regime semiaberto.



Ana Jatobá deixa prisão acompanhada de detentas nesta terça-feira — Foto: Laurene Santos/TV Vanguarda

Suzane na universidade

Desde o ano passado **Suzane Von Richthofen, que cumpre pena em regime semiaberto**, está cursando farmácia em uma universidade em Taubaté (SP). O pedido foi feito pela defesa, após ela **obter nota no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)** para conseguir cursar o ensino superior.

Durante as férias da faculdade, ela ainda teve autorização para frequentar aulas de um curso particular de informática. De acordo com o pedido da defesa, a que o **g1** teve acesso, ela não estava ambientada com as ferramentas tecnológicas por causa da prisão.

Além disso, ela ainda foi flagrada por estudantes em ônibus do transporte coletivo, saindo da faculdade. O transporte e as mensalidades são de responsabilidade da presa.

g1 – 02/02/2022 - 08h21

Justiça autoriza Suzane von Richthofen a fazer curso de informática básica nas férias

Preso alega dificuldade com ferramentas digitais na faculdade por estar desatualizada pelos anos de reclusão.

Por g1 Vale do Paraíba e Região
02/02/2022 08h21 - Atualizado



Suzane von Richthofen deixa penitenciária para saída temporária de Natal em 2021 — Foto: Tiago Bezerra/TV Vanguardia

Suzane von Richthofen, condenada a 39 anos de prisão pela morte dos pais, foi autorizada pela Justiça a deixar a penitenciária para frequentar um curso de informática básica durante as férias da faculdade em **Taubaté** (SP).

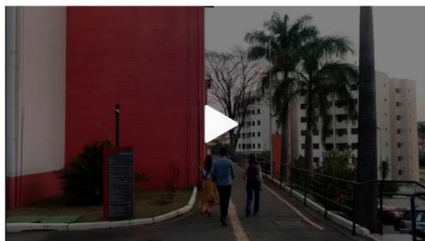
A defesa alega que Suzane apresentou dificuldades com ferramentas digitais ao iniciar a faculdade e apontou a necessidade da realização do curso para sua inclusão digital.

Suzane vai frequentar aulas de "Formação Excel Básico ao Avançado" e "Informática Básica: Windows, Word, Excel, PowerPoint e Internet".

- [Compartilhe esta notícia no WhatsApp](#)
- [Compartilhe esta notícia no Telegram](#)

Preso em Tremembé, Suzane **faz biomedicina em uma universidade particular** na cidade vizinha **Taubaté**.

Ela começou o curso em setembro de 2021 e o ano letivo terminou em dezembro, com retorno previsto para março deste ano. Antes do retorno as aulas, no entanto, a presa pediu para frequentar um curso de férias.



Suzane von Richthofen começa a frequentar faculdade com tornozeleira eletrônica em Taubaté

Segundo a defesa, na universidade ela tem tido contato com ferramentas digitais que desconhece, por causa dos anos de reclusão. A Justiça acatou o pedido da defesa e autorizou as saídas noturnas, de segunda a quinta-feira, das 17h até às 22h30, até o dia 24 de fevereiro.

No documento a Justiça frisou que a formação faz parte do processo de reabilitação da presa.

Segundo a defesa, na universidade ela tem tido contato com ferramentas digitais que desconhece, por causa dos anos de reclusão. A Justiça acatou o pedido da defesa e autorizou as saídas noturnas, de segunda a quinta-feira, das 17h até às 22h30, até o dia 24 de fevereiro.

No documento a Justiça frisou que a formação faz parte do processo de reabilitação da presa.



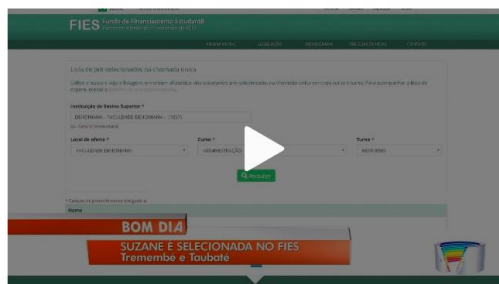
Suzane von Richtofen cumpre pena em Tremembé — Foto: Luara Leimig/TV Vanguarda

Suzane na faculdade

Antes de iniciar o curso de biomedicina em 2021, Suzane teve dificuldades para conseguir autorização para ingressar no ensino superior.

Em 2020, ela **conseguiu uma vaga pelo Sísu no curso de Gestão de Turismo**, no Instituto Federal de Campos do Jordão (SP).

Suzane se matriculou, mas não chegou a cursar as aulas por **não ter sido autorizada pela Justiça para deixar o presídio** (veja vídeo da época abaixo).



Suzane Richtofen é selecionada no Fies para cursar faculdade católica

Em 2017, a presa foi **aprovada para o curso de administração em uma instituição católica em Taubaté**. Para custear a mensalidade, ela pleiteou o financiamento pelo Fies e foi contemplada. Apesar disso, não concluiu a matrícula.

Já em 2016, **a presa recebeu autorização** para cursar uma outra graduação. À época, ela tentava frequentar as aulas do curso de administração em uma universidade particular. Com medo do assédio fora da prisão, ela pediu à Justiça para fazer o curso online, mas por falta de recursos tecnológicos e aparato no presídio, teve o pedido foi negado.

g1 – 13/09/2022 - 18h44

Segundo a defesa, na universidade ela tem tido contato com ferramentas digitais que desconhece, por causa dos anos de reclusão. A Justiça acatou o pedido da defesa e autorizou as saídas noturnas, de segunda a quinta-feira, das 17h até às 22h30, até o dia 24 de fevereiro.

No documento a Justiça frisou que a formação faz parte do processo de reabilitação da presa.



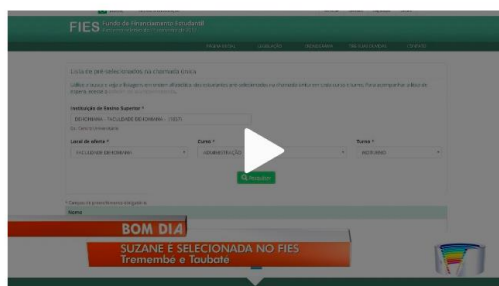
Suzane von Richtofen cumpre pena em Tremembé — Foto: Luara Leimig/TV Vanguardia

Suzane na faculdade

Antes de iniciar o curso de biomedicina em 2021, Suzane teve dificuldades para conseguir autorização para ingressar no ensino superior.

Em 2020, ela **conseguiu uma vaga pelo Sisu no curso de Gestão de Turismo**, no Instituto Federal de Campos do Jordão (SP).

Suzane se matriculou, mas não chegou a cursar as aulas por **não ter sido autorizada pela Justiça para deixar o presídio** (veja vídeo da época abaixo).



Suzane Richtofen é selecionada no Fies para cursar faculdade católica

Em 2017, a presa foi **aprovada para o curso de administração em uma instituição católica em Taubaté**. Para custear a mensalidade, ela pleiteou o financiamento pelo Fies e foi contemplada. Apesar disso, não concluiu a matrícula.

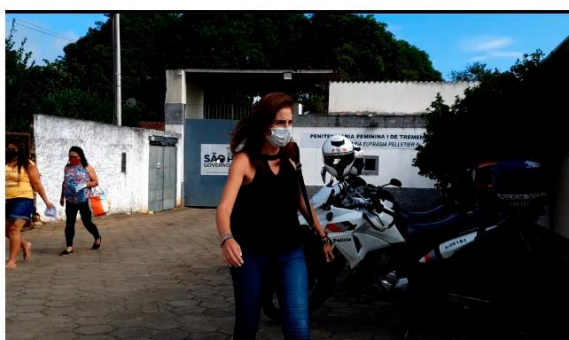
Já em 2016, **a presa recebeu autorização** para cursar uma outra graduação. À época, ela tentava frequentar as aulas do curso de administração em uma universidade particular. Com medo do assédio fora da prisão, ela pediu à Justiça para fazer o curso online, mas por falta de recursos tecnológicos e aparato no presídio, teve o pedido foi negado.

Suzane von Richthofen deixa presídio em Tremembé para 'saidinha' temporária

Ela deve retornar para a P1 feminina até às 14h no dia 19 de setembro, quando a saída temporária é encerrada.

Por g1 Vale do Paraíba e Região

13/09/2022 18h44 · Atualizado há 2 meses



Suzane Richthofen deixa penitenciária em Tremembé em março deste ano. — Foto: Laurene Santos/TV Vanguarda

Suzane von Richthofen deixou na manhã desta terça-feira (13) a Penitenciária Santa Maria Eufrásia Pelletier, em **Tremembé (SP)**, para a chamada "saidinha" temporária. Suzane foi condenada por matar os pais em 2002.

De acordo com a Secretaria de Administração Penitenciária, Suzane e os demais detentos que receberam o benefício poderão ficar sete dias em liberdade. Ela deve retornar para a P1 feminina até às 14h no dia 19 de setembro, quando a saída temporária é encerrada.

Essa é a terceira saída temporária do ano. A primeira foi concedida em março e a segunda no mês de junho. Nas duas ocasiões, Suzane foi contemplada com o benefício e esteve fora do presídio.

Segundo a SAP, o benefício é concedido a presos que apresentam bom comportamento, já cumpriram uma parte da pena e estão no regime semiaberto.